

# EM GUARDA

Para a defesa das Américas



**DIA E NOITE**—Nunca na história industrial americana houve tanto trabalho. Na faina de produzir material bélico, as fábricas conservam-se acesas dia e noite.

ANO 1 · N. 5



# UNIDAS PARA A VITÓRIA

A LUTA DE EXTERMINIO CONTRA OS ELEMENTOS DO EIXO

VINTE e seis nações acham-se constituídas em formidável frente única contra os elementos do Eixo. Em firme demonstração de seu propósito, esse expressivo conjunto de nações alia-se para levar ao extremo a luta que marcará decisivamente a vitória total.

O acordo assinado em Washington em princípios de Janeiro, e que foi denominado "Declaração das Nações Unidas", é mais que mera expressão de solidariedade e unidade de pensamento. É um documento histórico que encerra a determinação de 26 nações livres, constituindo considerável maioria de habitantes de todos os continentes, aliados agora no maior esforço bélico jamais registrado nos anais da história.

Quasi dois terços da população da terra, dispondo de mais de dois terços do seu potencial econômico e militar, acham-se congregados e empenhados a levar a cabo a destruição do Hitlerismo e tudo mais que o termo encerra.

Cada uma das nações signatárias desse eloquente pacto, expressa a sua firme resolução de considerar a vitória contra o inimigo comum, fator essencial para a defesa da vida, da liberdade, da independência e do livre culto, assim como para a preservação do direito e da justiça em seu próprio território nacional e no de outras nações. Firmam-se ainda todas no propósito de recusar qualquer proposta de armistício ou de paz em separado.

Estabelece-se assim a frente única solidária no objetivo de exterminar da face da terra a prática hedionda da força bruta como princípio de superioridade nacional. Essa luta gigantesca que ora se alastra ao redor do mundo, veio em menos de um mês depois de atingir o Hemisfério Ocidental, encontrar na união de 26 nações, a resposta mais adequada à negação da liberdade que a nefasta aliança de Hitler pretende impor aos povos livres.

A primeira assinatura afixada ao documento foi a do Presidente Roosevelt. A seguir, assinou o Primeiro Ministro Winston Churchill, da Grã-Bretanha, que havia atravessado o Atlântico especialmente para a momentosa conferência em Washington, da qual resultou a solidificação do formidável bloco estratégico das nações livres em guerra contra o Eixo.

Outras nações deram imediatamente sua valiosa adesão à declaração, ficando a mesma com a participação de nove Repúblicas Americanas, China, Rússia, Domínios Britânicos, Holanda e governos de outras nações, expelidos de seus respectivos territórios pela força brutal da agressão.

A declaração ficou à disposição de qualquer outra nação que queira aderir ao magistral plano estratégico estabelecido para assegurar a

unidade de ação na luta de extermínio contra a tirania nazista.

Bases ficaram delineadas para a colaboração de após-guerra, com a adesão das nações unidas, aos princípios da Carta do Atlântico, constante dos oito pontos formulando os objetivos comuns expostos anteriormente pelo Presidente Roosevelt e Primeiro Ministro Churchill.

Na Carta do Atlântico, que estabelece a estrutura para a paz universal, as nações signatárias acentuam o fato de não procurarem nenhum alargamento territorial ou predomínio político; não desejarem modificações territoriais que não estejam de acordo com a vontade livre das respectivas populações atingidas; respeitarem o direito de todos os povos de escolher a sua própria forma de governo; respeitarem a liberdade de comércio; reconhecerem a necessidade de melhorar-se as condições de trabalho, e promoverem o reajustamento econômico e social; garantirem a paz e a liberdade, afastando a preocupação do temor; garantirem a liberdade dos mares e promoverem o desarmamento dos agressores.

AS Nações Unidas têm um potencial militar de mais de 56.000.000 de homens, entre 18 e 35 anos de idade—o dobro das reservas das nações do Eixo. Além disso, a sua superioridade incontestável em recursos naturais e matérias primas, asseguram-lhes um formidável manancial de material bélico capaz de satisfazer a todas as necessidades da luta pela vitória final.

Um fator de vital importância em determinar a duração da guerra, é a rapidez com que todo esse vasto volume de recursos pode ser mobilizado para seu uso na frente única.

Dominando considerável parte desses recursos acham-se os Estados Unidos e as demais nações do Hemisfério Ocidental. E a mobilização, que já se

encontra em pleno progresso, atinge dia a dia fantásticas proporções.

Nos Estados Unidos, a indústria de guerra está se mantendo em operação contínua, transformando rápida e eficientemente em armas e munições, produtos estratégicos do próprio país, e de todos os pontos do continente americano.

VALIOSA solidariedade continental, expressa entusiasticamente por todas as Repúblicas Americanas, tem servido para animar com espontâneo interesse a tremenda tarefa de consolidar-se em bases firmes, a reação ao insólito desafio da triade encabeçada por Adolf Hitler.

A contribuição dos americanos do norte para a efetivação da vitória, é realmente gigantesca. Em sua mensagem especial ao Congresso, a 6 de Janeiro, o Presidente Roosevelt expôs clara e sucintamente a situação do país. E referindo-se ao orçamento da guerra, para o ano fiscal a começar em 1 de Julho próximo, fixou-o em 56 bilhões de dólares, ou seja mais da metade da renda nacional estimada, e equivalente a \$427,48 para cada habitante do país.

A maior parte desses bilhões de dólares destina-se ao enorme programa armamentístico, que está a exigir aos milhares, canhões, aviões, tanques e navios, com os quais "será dada caça sem tréguas ao inimigo, esteja ele onde estiver."

Do novo programa consta a construção de

- 1) 60.000 aviões em 1942, inclusive 45.000 de combate; em 1943, 125.000, com 100.000 aviões de combate.

- 2) 45.000 tanques em 1942; 75.000 em 1943.
- 3) 20.000 canhões anti-aéreos em 1942; 35.000 em 1943.

- 4) 8.000.000 de toneladas de navios mercantes em 1942; 10.000.000 em 1943.

"Que ninguém diga que isso é impossível", declarou o presidente. "Tem de ser feito—e nós assumimos essa responsabilidade."

"Esses dados e outros semelhantes, correspondentes a inúmeros outros petrechos de guerra, darão aos japoneses e nazistas uma idéia do que conseguiram com o ataque de Pearl Harbor. Só por meio dessa escala de produção total poder-se-á apressar a vitória final total. A rapidez é fator importante."

O Presidente afirmou que as forças americanas assumirão posições defensivas ou ofensivas, conforme as circunstâncias, nas Ilhas Britânicas, em vários pontos do Extremo Oriente, em todos os mares, e ajudarão a garantir o Hemisfério Ocidental e bases fora do Hemisfério, capazes de serem usadas para um ataque às Américas.

Acentuando o fato de não poder ser a guerra levada a



Reunidos para a vitória—o Primeiro Ministro Churchill e o Presidente Roosevelt.

"As forças armadas americanas deverão operar em qualquer parte do mundo onde seja aconselhável travar batalha com o inimigo."—Presidente Roosevelt.



## UNIDAS PARA A VITÓRIA (continuação)

efeito sob um espírito defensivo, o Presidente Roosevelt declarou que "... levaremos o nosso ataque ao campo inimigo", e que a guerra terminará "quando nós a fizermos terminar, mercê de nossos esforços, força e determinação, conjugadas para lutar e trabalhar até o fim, isto é, o fim do militarismo na Alemanha, Itália e Japão. Nós, decididamente, não nos satisfaremos com menos."

"Os militaristas de Berlim e Tóquio iniciaram esta guerra. Ela há-de terminar pela força coligada da massa da humanidade em justa indignação."

E referindo-se acerca da frente única estabelecida pelas Nações Unidas, declarou o Presidente:

"Não nós bateremos em guerras isoladas, cada nação de per si. As vinte e seis nações estão verdadeiramente unidas—não só em espírito e resolução, como também no prosseguimento da guerra em todas as suas fases."

O primeiro mês da guerra trouxe notáveis ganhos e alguns reveses importantes para os Estados Unidos.

Num espírito de intenso patriotismo e união, a nação inteira reuniu-se num esforço bélico sem precedentes, e que começou imediatamente a produzir resultados.

As forças americanas, colocadas em situação desvantajosa, no começo, em virtude da traiçoeira forma de agressão japonesa, conseguiram, contudo, consideráveis sucessos contra o inimigo, no Extremo Oriente.

Em outras zonas da guerra, armamentos americanos contribuíram para a furiosa ofensiva britânica contra as forças do Eixo na Líbia, e para as contínuas derrotas que os russos veem infligindo aos exércitos alemães, ultimamente.

O conflito no Extremo Oriente centralizou-se principalmente na desesperada tentativa do Japão para dominar o sul do Mar da China, a-fim de dispor de acesso às matérias primas sem as quais a indústria japonesa não poderia sustentar uma guerra prolongada contra as forças das Nações Unidas.

A captura de Hong Kong pelos japoneses, no início das hostilidades não deixou de ser prevista. A dificuldade de defender as Filipinas contra um ataque em massa, era também um fato reconhecido.

A heróica resistência oposta por americanos e filipinos, e o pesado sacrifício imposto aos invasores, com a perda de considerável número de homens e material bélico, excedeu realmente a todas as expectativas.

A não ser por esporádicos ataques em navios mercantes, após o assalto aéreo de Pearl Harbor, o Pacífico este tem estado livre de hostilidades. Os japoneses não dispõem de bases a distância suficiente para permitir extensivas operações neste lado

do oceano. E mesmo com a completa supremacia naval do Pacífico, teriam eles extrema dificuldade para dirigir ataques consideráveis contra a costa americana ou contra o canal do Panamá.

A estratégia nipônica era clara. Seu objetivo essencial era alcançar rapidamente os depósitos de petróleo, ferro, borracha, estanho e outros materiais de guerra da Maláia e das Índias Orientais Holandesas, antes que forças superiores pudessem reunir-se para impedir a invasão daquela área.

Hong Kong e a Manilha proporcionaram pontos de apoio para o sul, mas o principal obstáculo ao acesso às matérias primas que o Japão tem que ter para sustentar a guerra, acha-se mais além, em Singapura, a grande base naval britânica, que é a chave mestra do controle da parte do sul do Mar da China.

De Sasebo, a mais próxima grande base naval japonesa, a Singapura, são 2.700 milhas, distância longa de mais para manterem os japoneses vulneráveis linhas de comunicação.

Do resultado da luta nos mares do sul depende a duração da guerra, isto é, si é possível a derrota japonesa em tempo relativamente curto, ou si poderá o Japão obter matérias primas bastantes para prolongar as hostilidades. Mas nenhuma luta inicial tem sido decisiva relativamente ao resultado final, ou tem diminuído a certeza da vitória final das Nações Unidas.

Os japoneses têm pago caro por toda fração de território invadido: várias unidades de sua esquadra foram afundadas ou avariadas, numerosas perdas de aviões, considerável número de baixas, e material bélico destruído em grande quantidade.

A estratégia nipônica, entretanto, é falha quando se considera a necessidade de formidável força de todas as armas para manter inexpugnável todo território conquistado a distâncias tão grandes do centro de operações e abastecimentos.

Porque cada dia, cada semana que passa, mais toma corpo a congregação de recursos gigantescos inteiramente à disposição das Nações Unidas, e capazes de levar a todos os pontos da dominação japonesa, inclusive o seu próprio território nacional, o efeito de um ataque sem tréguas é insuportável.

As consequências da mobilização da indústria americana para a produção de guerra, já estão fazendo sentir-se no aprestamento das forças combatentes, no ar, em terra e no mar.

Nação pacifista, entregue às cogitações e afazeres relativos ao seu progresso e ao progresso da própria humanidade em geral, os Estados Unidos não mediram esforços para resolver pacificamente quaisquer possíveis diferenças com o Japão. Este,

insuflado pela louca miragem nazista, preferiu precipitar os acontecimentos, valendo-se da traição, do fator surpresa, na sua tática desesperada para remover obstáculos imediatos e ver-se triunfante em seus propósitos.

Para contrapor a essa tática, que também produz resultados falaciosos, os Estados Unidos valem-se agora de outro fator — tempo — no qual se verá o Japão emaranhado em suas próprias máquinas, enquanto da gigantesca produção industrial americana sairão os elementos que, fatal e inexoravelmente irão reduzir à sua insignificância a audácia da dominação nipônica e de todo o seu Eixo.

Não há-de ser em vão que 26 nações se congregam para decidir pelas armas os destinos do mundo, obscurecidos pela ameaça de vassalagem do domínio nazista. Da ação coordenada dessas 26 nações e de outras mais que certamente se aliarão à causa, em solidariedade moral ou material, decorrerão efeitos que darão outra face às relações internacionais futuras.

O APOIO moral que representa a espontânea solidariedade do povo americano em face da agressão japonesa, tem um valor que é completamente desconhecido das nações do Eixo. Unâimes em aceitar o repto e aplicar o castigo que a perfídia merece, todos conjugam seus esforços para esse fim, certos da tremenda potencialidade de seus recursos, e da extraordinária expressão de sua causa.

Os reveses de início servem apenas para demonstrar a grandeza e significação da luta, nessa obra de regeneração dos valores do direito e da justiça.

Da brutalidade de uma guerra em que seus iniciadores procuram esgotar todos os recursos da perfídia humana, haveria de certamente manifestar-se a reação de todos os espíritos bem formados, dispostos a encarar em causa comum todas as consequências desastrosas que significariam para o mundo a restauração de velhas tiranias extintas, sob o escárnio de uma "nova ordem".

A "Declaração das Nações Unidas", por ter sido firmada em terras do Novo Mundo, encerra também a expressão dos ideais que aqui se têm concretizado em grandiosas conquistas de liberdade, fraternidade e cultura humanas.

O espetáculo da união dessas 26 nações não poderia ter encontrado melhor cenário que o formado pela solidariedade das nações do Novo Mundo. Delas é um exemplo único na história, e que vem aumentar a supremacia das Nações Unidas para alcançar a vitória, e rasgar para o mundo novos horizontes, como só os povos livres podem idealizar.

# O PROGRAMA DA VITÓRIA

(Segundo a mensagem do Presidente Roosevelt ao Congresso)



## AEROPLANOS

1942 . . . 60.000  
1943 . . . 125.000

Dos 60.000 aviões que serão construídos este ano, 45.000 serão de combate e de bombardeio, para estabelecer a supremacia aérea em todas as frentes.



## TANQUES

1942 . . . 45.000  
1943 . . . 75.000

Tanques americanos, já tendo demonstrado sua superioridade em várias frentes desta guerra, serão garantia da vitória na luta entre forças mecanizadas.



## CANHÕES ANTI-AÉREOS

1942 . . . 20.000  
1943 . . . 35.000

O formidável programa de construção de armas anti-aéreas dotará as cidades e unidades da marinha mercante com respeitável defesa contra surpresas.



## NAVIOS MERCANTES

1942 . . . 8.000.000 de toneladas  
1943 . . . 10.000.000 de toneladas

A construção de navios mercantes este ano será quase oito vezes maior que a do ano 1941, e quase vinte vezes maior que a dos anos anteriores à guerra.

## "—NÃO APENAS PARA NÓS, MAS PARA TODO O GÊNERO HUMANO—"

"Lutamos hoje pela segurança, pelo progresso, pela paz não apenas para nós, mas para todo o gênero humano; não para uma geração apenas, mas para todas as gerações. Batemos-nos para purificar o mundo de antigos males, de velhas enfermidades."

"Aos nossos inimigos anima um cinismo brutal e o mais abjeto desprezo pela raça humana. A nós, inspira-nos uma fé que remonta, através dos séculos, ao primeiro capítulo da Gênese: 'Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.'"

"Todos que lutamos deste lado queremos ser fiéis a essa divina herança. Lutamos, como outrora fizeram nossos pais, para

manter a doutrina pela qual todos os homens são iguais perante Deus. Aqueles que lutam do outro lado, se esforçam para destruir essa profunda crença, e para criar um mundo à sua própria imagem — um mundo de tirania, crueldade e escravidão. "Esse é o conflito que dia e noite predomina em nossas vidas. Acordos não porão termo a semelhante conflito. Nunca houve — e jamais haverá — acordos satisfatórios entre o bem e o mal. Só uma vitória completa poderá ser recompensa apropriada aos apóstolos da tolerância, da decência, da liberdade e da fé." — Da mensagem do Presidente Roosevelt ao Congresso, a 6 de Janeiro de 1942.



# A DECLARAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

**D**ECLARAÇÃO conjunta feita pelos Estados Unidos da América, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, China, Austrália, Bélgica, Canadá, Costa Rica, Cuba, Checoslováquia, República Dominicana, Salvador, Grécia, Guatemala, Haiti, Honduras, Índia, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Nicarágua, Noruega, Panamá, Polónia, União Sul-africana, Iugoslávia.

Tendo aprovado um programa comum que encerra os propósitos e princípios incorporados na Declaração Conjunta do Presidente dos Estados Unidos da América e do Primeiro Ministro do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, datada de 14 de Agosto de 1941, e conhecida por Carta do Atlântico, e

Convencidos de que, para defender a vida, a liberdade, a independência, e a liberdade de culto, e para preservar os direitos humanos e a justiça nos seus respectivos países

bem como em outros, é essencial a vitória completa sobre seus inimigos, e convencidos de que se acham atualmente empenhados numa luta comum contra forças selvagens e brutais que procuram subjugar o mundo,

Os Governos signatários da presente

Declaram:

(1) Que cada Governo se compromete a empregar todos os seus recursos, militares ou económicos, contra os membros do Triplice Pacto e seus aderentes com os quais esteja em guerra.

(2) Que cada Governo se compromete a cooperar com os Governos signatários da presente e a não firmar com os inimigos armistício ou paz separados.

Outras nações, que, na luta em prol da vitória sobre o hitlerismo, já estão prestando, ou poderão prestar, colaboração ou assistência material, poderão aderir à presente declaração.



A Casa Branca, em Washington, residência oficial do Presidente Roosevelt, é atualmente um movimentado quartel-general.

Nesta página acha-se à direita um fac-símile das firmas dos 26 signatários da famosa Declaração das Nações Unidas.

Done at Washington  
January First 1942

The United States of America  
by Franklin D. Roosevelt

The United Kingdom of Great Britain  
and Northern Ireland  
by Winston Churchill  
on behalf of the Government  
of the Union of Soviet Socialist  
Republics

Mao Tse-tung

Natural President of the Republic of China  
Tsun Hsiang-shan  
Minister of Foreign Affairs

The Commonwealth of Australia  
by R. G. Casey

The Kingdom of Belgium  
by E. A. Straton  
Canada  
by Lester B. Pearson

The Republic of Costa Rica  
by R. F. Fournier

The Republic of Cuba  
by Amelio F. Conchao

Czechoslovak Republic  
by V. S. Hrubec  
The Dominican Republic  
by J. M. M. M. M.

The Grand Duchy of Luxembourg  
by J. P. P. P.

The Kingdom of the Netherlands  
by J. P. P. P.

The Republic of Nicaragua  
by J. P. P. P.

The Republic of El Salvador  
by J. P. P. P.

The Kingdom of Greece  
by C. G. G. G.

The Republic of Guatemala  
by J. P. P. P.

The Republic of Haiti  
by J. P. P. P.

The Republic of Honduras  
by J. P. P. P.

The Kingdom of Norway  
by J. P. P. P.

The Republic of Panama  
by J. P. P. P.

The Republic of Poland  
by J. P. P. P.

The Republic of Portugal  
by J. P. P. P.

The Kingdom of Rumania  
by J. P. P. P.

The Kingdom of Sweden  
by J. P. P. P.

The Kingdom of Switzerland  
by J. P. P. P.





Há na expressão típica destas fisionomias de soldados americanos, a determinação de uma tropa de escôl, conciente da responsabilidade de cumprir uma das maiores missões na história, e que marcará decisivo triunfo de civilização.



O glorioso pavilhão nacional, escoltado pela sua guarda de honra, assume a vanguarda.

## UM GRANDE EXÉRCITO PARA UMA GRANDE MISSÃO

**P**ARA ganhar a segunda guerra mundial, os Estados Unidos terão de participar na defesa do Hemisfério Ocidental, e manter constante o fornecimento de material bélico à Gran-Bretanha, Rússia, China e possessões holandesas. Além disso, as forças americanas terão de fazer a guerra em todos os pontos onde estiver o inimigo.

Grande parte dessa iniciativa será levada a efeito pelo novo e enorme exército dos Estados Unidos.

Num simples dia, quando a guerra começou para a América, o povo norte-americano manifestou a sua determinação para pôr no campo de batalha um exército formidável. O Congresso de um país de 132.000.000 de habitantes tomou imediatas providências para a mobilização até de 7.000.000 de homens, si fôr necessário.

Todos os homens de 18 a 64 anos de idade — 40.000.000 de americanos — serão registados para serviços no esforço da guerra total. Todos aqueles de 20 a 44, ou sejam, 25.000.000, acham-se sujeitos ao serviço ativo. E como 1.200.000 anualmente atingem à idade de 20 anos, os Estados Unidos terão sempre todas as vantagens de uma tropa joven.

A pesar do serviço militar obrigatório agora adotado nos Estados Unidos, o alistamento voluntário tem tomado proporções imprevistas desde o assalto japonês a Pearl Harbor, a 7 de Dezembro. Milhares de jovens, em todas as partes do país têm ocorrido aos postos de alistamento, oferecendo-se para servir, tanto no exército como na marinha.

No dia daquele assalto, centenas de soldados que

havam sido incorporados pelo recrutamento obrigatório, achavam-se prontos para deixar o serviço, em virtude de haverem terminado o tempo necessário. Não obstante, esses soldados, sem aguardar mais ordens, manifestaram imediatamente sua vontade de continuar no exército.

Os Estados Unidos entraram desta vez na guerra, dispondo de mais de um milhão e meio de homens em armas, já familiarizados com a vida militar. Por ocasião da primeira guerra mundial, o país não teve essa vantagem. O seu primeiro milhão de homens foi adestrar-se em França, virtualmente no próprio campo de batalha.

Desta vez, o soldado americano entra em fogo dispondo do moderno fuzil semi-automático Garand, único no gênero, e capaz de disparar quinze projéteis de cada vez, sem necessidade carregar.

Quanto à mecanização, o exército de agora dispõe de todos os tipos de armas, desde o mais moderno e possante tanque, até o mais rápido carro de reconhecimento, que em muitos casos vem substituir com vantagem a cavalaria ligeira.

Durante as manobras levadas a efeito com o considerável efetivo decorrente do sorteio militar, a tropa americana teve ocasião de familiarizar-se com inúmeros problemas da guerra moderna, com a participação completa de todos os elementos terrestres e aéreos.

Para equipar rapidamente, no mesmo grau de eficiência, um exército de efetivo quatro ou cinco vezes maior, há dificuldades materialmente im-

possíveis de transpôr-se, a não ser com um tempo mínimo.

É por isso que a mobilização industrial americana, em escala jamais imaginada na história do mundo, toma agora a atenção do governo e do público, tal a importância da sua significação para o aprestamento das forças militares. Ademais, a guerra moderna exige do gênio americano a remodelação e adaptação de todas as armas a condições variadíssimas.

Desde fins de 1940 até a entrada dos Estados Unidos na guerra, o Congresso havia apropriado mais de 60 bilhões de dólares para a defesa, inclusive a parte destinada a empréstimos e arrendamentos.

Em Dezembro último, o Congresso votou mais 10 bilhões. Até agora, o exército já teve à disposição mais de 33 bilhões de dólares para equipamento apenas. E no Congresso já se cogita de considerar o possível total do orçamento da vitória em 200 bilhões de dólares.

Para equipar o novo exército, novas armas estão sendo criadas, enquanto que armas antigas passam por completas alterações. Por exemplo, um novo canhão anti-aéreo de alcance muito superior ao atual limite, começou a ser produzido em grande escala pela indústria americana. É uma arma que irá substituir o canhão anti-aéreo de 90mm, agora em uso nas forças combatentes. Seu calibre é de 4.7 polegadas, ou 120 milímetros, e constitui a mais poderosa arma de defesa contra o bombardeiro.



Ataque conjugado de tanques, aeroplanos e tropas de assalto durante recentes manobras, em que foram aplicadas táticas de acordo com os ensinamentos da guerra.



(continuação)

O plano geral ora em execução, desenvolve-se em vasta aplicação de novos recursos de guerra, como os batalhões anti-tanques, as unidades aéreas de bombardeio, grupos especiais de engenharia, tropas de montanha e batalhões a skis, para operações na neve, todos exigindo variado equipamento, mas que deverá ser único em matéria de qualidade e eficiência. Envoltos em natural mistério de segredo militar acha-se a quantidade desses armamentos que vão saindo das fábricas, em funcionamento 24 horas por dia.

Mas o seu volume cresce em escala incomparável, considerando-se o tempo para sua produção — que nos Estados Unidos está sendo aplicado com todas as vantagens de um país extremamente industrializado.

Desta vez, o rompimento das hostilidades veio encontrar os Estados Unidos virtualmente em pé de guerra. A mobilização militar já estava iniciada e o Exército já dispunha de considerável efectivo, perfeitamente armado e equipado, aguardando apenas em seus postos uma simples ordem de avançar.

E enquanto nas indústrias de guerra trabalha-se febrilmente para armar a municiária milhões, cuja ação far-se-á sentir numa vasta área de operações militares, a direção do exército mantém-se firme sob a experimentada habilidade do general George Catlett Marshall, chefe do Estado-Maior.

Foi ele quem durante a primeira guerra mundial, na frente francesa, levou a efeito a movimentação cautelosa e eficiente de meio milhão de homens e 2.700 bôcas de fogo, de St. Mihiel à Argonne, em duas semanas, sem que os alemães se apercebessem.

Quando o Presidente Roosevelt nomeou-o chefe do Estado-Maior, era o general Marshall o último na lista de generais de brigada. Não obstante, tal era a confiança do presidente nos méritos desse prestigiado militar, que a sua promoção foi distingui-lo numa lista de 34 oficiais generais mais antigos.

O general Douglas MacArthur, comandante das forças americanas e filipinas, é outro veterano de méritos feitos militares. É ele propriamente o único general do exército americano, pois os demais ou são tenentes-generais, majores-generais, ou generais de brigada. A sua promoção ao mais alto posto do exército foi uma homenagem que o Presidente Roosevelt lhe prestou em reconhecimento pela sua ação na luta contra os japoneses nas Filipinas. O general MacArthur é portador de uma fé de ofício repassada de heroísmos. Desde as refregas contra os índios americanos, em que aprimorou o seu senso para solver situações difíceis em face de um inimigo extremamente ardiloso, até a sua atuação, como comandante da famosa "Divisão do Arco-íris", composta de agregamentos de tropas de todas as regiões dos Estados Unidos, na guerra europeia, em 1918, MacArthur tem demonstrado raras qualidades de militar destemido e senhor de perfeitos conhecimentos táticos.

O tenente-general Henry H. Arnold, comandante das Forças Aéreas, é um extremado entusiasta pela aviação, tendo aprendido a voar com os famosos irmãos Wright. É, portanto, autoridade nessa formidável arma moderna, sendo o único na ativa, dentre os cinco organizadores da aviação militar durante a primeira guerra mundial. O seu cargo atual é semi-autônomo, subordinado diretamente ao chefe do Estado-Maior.

O soldado americano enfrenta esta guerra sob prementes condições de ver-se forçado a lutar nos mais longínquos campos de batalha. Mas a certeza da vitória está no fato essencial de poder o seu país equipá-lo para vencer.



O uso do morteiro de trincheira, arma eficaz de curto alcance, é ainda recurso adotado pela infantaria. Seu projétil é introduzido pela boca da peça.



Violento ataque de infantaria sob a proteção da cortina de fumaça, levado a efeito em



A metralhadora pesada de 13 mm. tem demonstrado ser excelente meio de defesa contra o avião de bombardeio em mergulho. Seu uso está vulgarizado no Exército.



recentes manobras, sob as mais adversas condições de tempo, a fim de colher o inimigo num movimento envolvente. A tropa tem se familiarizado com essas táticas.



O equipamento de artilharia do exército americano encontra-se dentre os primeiros do mundo. Em qualidade e quantidade, suas peças estão demonstrando a eficiência do Arsenal da Democracia. Esta peça de 75mm. de tipo ultra-moderno, tem correspondido aos requisitos de precisão e rapidez estabelecidos pelo exército dos Estados Unidos.



(continuação)

O plano geral ora em execução, desenvolve-se em vasta aplicação de novos recursos de guerra, como os batalhões anti-tanques, as unidades aéreas de bombardeio, grupos especiais de engenharia, tropas de montanha e batalhões a skis, para operações na neve, todos exigindo variado equipamento, mas que deverá ser único em matéria de qualidade e eficiência. Envoltos em natural mistério de segredo militar acha-se a quantidade desses armamentos que vão saindo das fábricas, em funcionamento 24 horas por dia.

Mas o seu volume cresce em escala incomparável, considerando-se o tempo para sua produção — que nos Estados Unidos está sendo aplicado com todas as vantagens de um país extremamente industrializado.

Desta vez, o rompimento das hostilidades veio encontrar os Estados Unidos virtualmente em pé de guerra. A mobilização militar já estava iniciada e o Exército já dispunha de considerável efectivo, perfeitamente armado e equipado, aguardando apenas em seus postos uma simples ordem de avançar.

E enquanto nas indústrias de guerra trabalha-se febrilmente para armar a municiária milhões, cuja ação far-se-á sentir numa vasta área de operações militares, a direção do exército mantém-se firme sob a experimentada habilidade do general George Catlett Marshall, chefe do Estado-Maior.

Foi ele quem durante a primeira guerra mundial, na frente francesa, levou a efeito a movimentação cautelosa e eficiente de meio milhão de homens e 2.700 bôcas de fogo, de St. Mihiel à Argonne, em duas semanas, sem que os alemães se apercebessem.

Quando o Presidente Roosevelt nomeou-o chefe do Estado-Maior, era o general Marshall o último na lista de generais de brigada. Não obstante, tal era a confiança do presidente nos méritos desse prestigiado militar, que a sua promoção foi distingui-lo numa lista de 34 oficiais generais mais antigos.

O general Douglas MacArthur, comandante das forças americanas e filipinas, é outro veterano de méritos feitos militares. É ele propriamente o único general do exército americano, pois os demais ou são tenentes-generais, majores-generais, ou generais de brigada. A sua promoção ao mais alto posto do exército foi uma homenagem que o Presidente Roosevelt lhe prestou em reconhecimento pela sua ação na luta contra os japoneses nas Filipinas. O general MacArthur é portador de uma fé de ofício repassada de heroísmos. Desde as refregas contra os índios americanos, em que aprimorou o seu senso para solver situações difíceis em face de um inimigo extremamente ardiloso, até a sua atuação, como comandante da famosa "Divisão do Arco-íris", composta de agregamentos de tropas de todas as regiões dos Estados Unidos, na guerra europeia, em 1918, MacArthur tem demonstrado raras qualidades de militar destemido e senhor de perfeitos conhecimentos táticos.

O tenente-general Henry H. Arnold, comandante das Forças Aéreas, é um extremado entusiasta pela aviação, tendo aprendido a voar com os famosos irmãos Wright. É, portanto, autoridade nessa formidável arma moderna, sendo o único na ativa, dentre os cinco organizadores da aviação militar durante a primeira guerra mundial. O seu cargo atual é semi-autônomo, subordinado diretamente ao chefe do Estado-Maior.

O soldado americano enfrenta esta guerra sob prementes condições de ver-se forçado a lutar nos mais longínquos campos de batalha. Mas a certeza da vitória está no fato essencial de poder o seu país equipá-lo para vencer.



O uso do morteiro de trincheira, arma eficaz de curto alcance, é ainda recurso adotado pela infantaria. Seu projétil é introduzido pela boca da peça.



Violento ataque de infantaria sob a proteção da cortina de fumaça, levado a efeito em



A metralhadora pesada de 13 mm. tem demonstrado ser excelente meio de defesa contra o avião de bombardeio em mergulho. Seu uso está vulgarizado no Exército.



recentes manobras, sob as mais adversas condições de tempo, a fim de colher o inimigo num movimento envolvente. A tropa tem se familiarizado com essas táticas.



O equipamento de artilharia do exército americano encontra-se dentre os primeiros do mundo. Em qualidade e quantidade, suas peças estão demonstrando a eficiência do Arsenal da Democracia. Esta peça de 75mm. de tipo ultra-moderno, tem correspondido aos requisitos de precisão e rapidez estabelecidos pelo exército dos Estados Unidos.





**Cortado** por magníficas estradas em tôdas as direções, o território dos Estados Unidos não apresenta dificuldade para o transporte rápido de suprimentos e material bélico. Mas em manobras, procura-se as vias mais tortuosas e primitivas, para afazer o exército aos imprevistos inevitáveis nas campanhas modernas com pesadas forças mecanizadas.

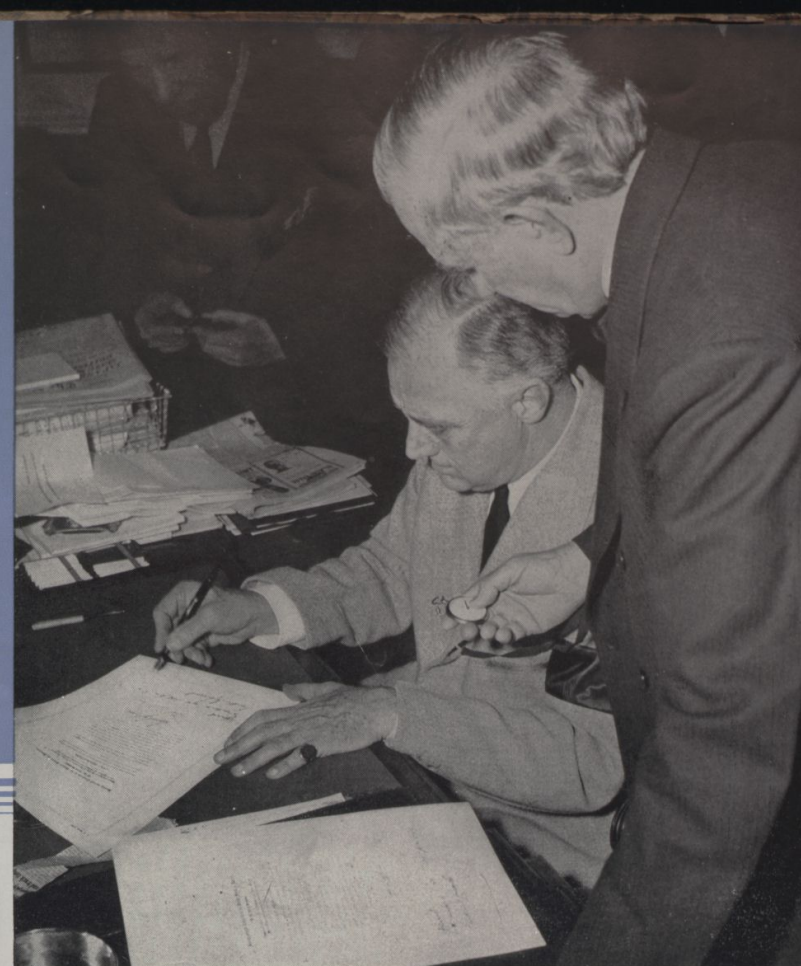


Obstáculos para infantaria encontram conveniente solução com o uso de embarcações leves, construídas para serem empregadas na transposição de pequenos rios.



Um colosso de 60 toneladas, massiço em couraças, dotado com um canhão de 75 mm., este tanque, o mais resistente do mundo, vái deixando um rasto de destruição.





O Presidente Roosevelt assina a declaração de guerra contra Alemanha e Itália, marcando a hora exata.

## ROOSEVELT—O LUTADOR

DESDE os primórdios tempos da sua fundação como república, os Estados Unidos têm encontrado um líder na altura do momento, sempre que alguma crise ameaça a nação.

Assim foi na luta pela independência, com o surgir de George Washington; na guerra civil, com Abraham Lincoln, na primeira guerra mundial, com Woodrow Wilson. E assim tem sido em todos os graves momentos de sua agitada história.

Hoje, nesta crise que se apresenta com todas as características de gravidade única, com a civilização ameaçada em todas as suas conquistas, e o próprio continente americano sujeito ao arbítrio ameaçador de pretensos dominadores do mundo, Franklin Delano Roosevelt destaca-se como um verdadeiro homem do momento.

As suas qualidades de líder já sobrejamente postas à prova quando o país se achava sob o pânico da crise econômica, fizeram-no merecedor da honra de ser o único presidente dos Estados Unidos a ser mantido no cargo durante três períodos consecutivos.

Enfrentando os problemas econômicos do país com a determinação de quem não poderia desanimar em frente de tantos recursos, o presidente Roosevelt demonstrou superiores qualidades como o reedificador da confiança nacional, em tempo de paz, dirigindo o país pela senda segura de maiores progressos.

Idealista prático, Roosevelt considera-se pacifista por natureza. Este fato ficou comprovado pelos seus extraordinários esforços—primeiro, para evitar a

segunda guerra mundial, e depois para impedir que a mesma se alastrasse ao continente americano.

As circunstâncias, entretanto, obrigaram-no a colher das lições do mundo contemporâneo as diretrizes que iriam orientá-lo como o responsável por uma nação de 132.000.000 de almas.

E assim evidenciaram-se as suas qualidades de lutador. Com sua vasta experiência de homem público, suas habilidades de líder dedicaram-se à tarefa de concretizar em fatos, a uníssona opinião do povo americano, indignado contra a audácia do reptó nipônico.

Em tempos de paz, os encargos e responsabilidades do presidente são enormes. Alguns de seus predecessores têm cedido ao seu peso. Em tempo de guerra, tais encargos multiplicam-se consideravelmente, porque o presidente, além de ser o Chefe Executivo, também é o comandante em chefe das forças armadas da nação.

Afeito a crises—pois de crises tem sido quase toda a sua gestão presidencial, maior que a de seus trinta e um predecessores, Roosevelt adapta-se naturalmente à liderança que a guerra vem exigir de suas capacidades.

Sua saúde é excelente. As linhas que sulgam seu rosto, trêm, entretanto, a seriedade com que o presidente encara os problemas que o confrontam.

Mas, com sua disposição tradicional para não deixar que a seriedade dos problemas, por preocuparem muito, comprometam as soluções acertadas,



O Secretário da Marinha Frank Knox, General C. C. Marshall e o Almirante King.



General Arnold, Secretário Stimson, e o Almirante Stark, saindo duma reunião.



W. S. Knudsen, Diretor da Produção, e J. L. O'Brien, chegam para uma conferência.



O Vice-Presidente Wallace e D. Nelson, depois de conferenciar com o presidente.



## ROOSEVELT—O LUTADOR (Continuação)

Roosevelt, prefere encará-los em suas largas perspectivas. Desta maneira, sem atender a detalhes desconcertantes, a sua calma mantém-se naturalmente, produzindo-lhe assim uma confortadora sensação de optimismo.

Por isso, quando é chegado o momento de refazer-se, e externar com a solenidade que também é um de seus traços característicos, a sua decisão sobre qualquer assunto, sente-se em suas palavras a firmeza da sua determinação.

Mesmo em momentos de adversidade, Roosevelt sabe repousar o espírito, desviando suas preocupações com um riso comunicativo. E esta é uma das razões atribuídas ao vigor da sua resistência física.

O Presidente Roosevelt não é novato em assuntos militares. Foi sub-secretário de Marinha, de 1913 a 1920, durante o período de primeira guerra mundial. Adquiriu valiosos conhecimentos de estratégia e operações militares e navais, achando-se familiarizado com a terminologia técnica de generais e almirantes.

Seu atívisimo dia de trabalho começa às 9 horas, e em seus próprios aposentos particulares, recebe em conferência vários de seus secretários da presidência. Antes de dirigir-se ao seu gabinete, dedica uma hora ao estudo de importantes assuntos oficiais.

O torpe procedimento japonês, que veio alastrar o conflito ao Hemisfério Ocidental, indignou profundamente o presidente, assim como a todos os americanos. De há muito havia a sua palavra autorizada prevenido contra tais perigos que confrontavam as Américas, e insistido na necessidade de medidas adequadas para fazer frente ao curso forçado que o mundo estava seguindo.

E quando verificou-se o ataque, Roosevelt recebeu a notícia com a sua atitude característica — cabeça erguida, maxilar protaído, e olhar faiscante, a revelar a onda de reação que lhe ia na mente. Ao dirigir ao Congresso a sua mensagem de guerra, posterior à sua primeira irradiação acerca do ataque, a nação em péso ouviu-o na mesma voz resonante a destemida, que havia inspirado novas esperanças, coragem e fé nas primeiras horas da sua presidência — também num momento de crise nacional.

O país então achava-se estagnado em face de tremenda conflagração econômica, de proporções universais, quando, em Março de 1933, o Presidente Roosevelt assumiu a presidência pela primeira vez.

"A única coisa que temos a temer é o próprio temor," afirmou ele, a uma nação deprimida. E todos reconheceram que ali estava um homem de coragem, de espírito altaneiro e decisão pronta. Em torno do presidente verificou-se uma das mais expressivas-provas de solidariedade e confiança. O líder revelava-se em toda a sua grandeza. E as medidas por ele adotadas desanuviaram os horizontes; a crise declinou de seu período agudo, e a situação econômica transformou-se por força da sua confiança nos próprios recursos e destinos da nação.

Desde então, o Presidente Roosevelt tem enfrentado outras crises no curso de sua atívisima administração. Mas esta que agora toma o caráter de ameaçar a própria existência livre da nação, depois de espalhar pelo resto do mundo o mais abjeto abastardamento dos direitos do homem, através da inconsciência de Hitler e seus asséclas, esta crise impõe atenções realmente extraordinárias.

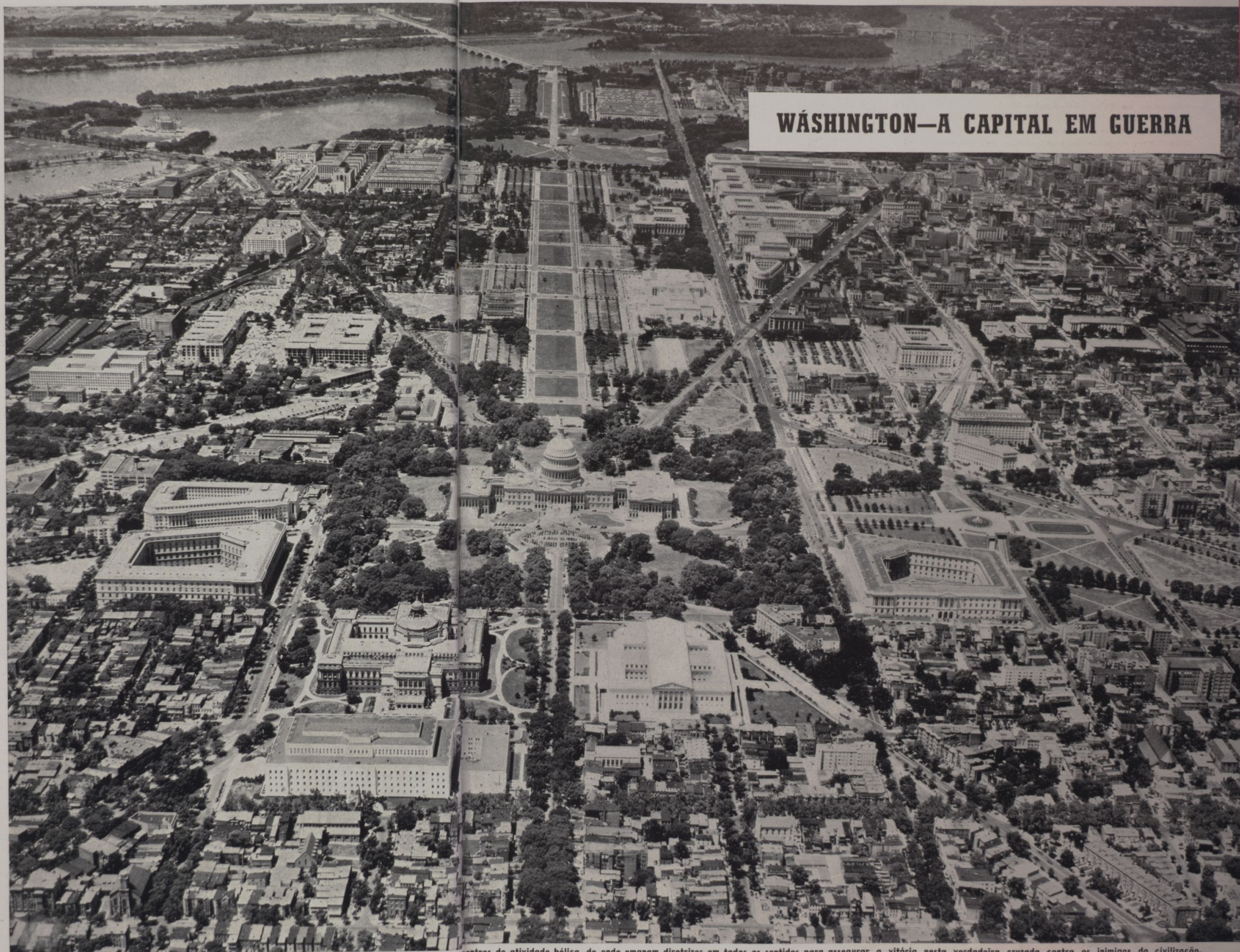
Desta vez é a guerra em todos os seus horrores. Por isso, Roosevelt, exemplificando as qualidades bélicas do povo americano, quando atacado, declarou:

"Com a confiança em nossas forças armadas — com a inabalável determinação de nosso povo — haveremos de alcançar o inevitável triunfo — com a graça de Deus."

É sob a liderança de um estadista dessa ténpera, que a nação enfrenta o seu destino. Para os povos que já conquistaram a sua liberdade a custo de sacrifícios, não haverá sacrifícios que os impeçam de conservá-la.

E é esse mesmo espírito que anima o vigor da reação ora desfechando-se contra os criminosos urdidores da "débacle" da civilização, que há-de assegurar os triunfos da vitória total.

## WASHINGTON—A CAPITAL EM GUERRA



Reconhecida como uma das mais belas cidades do mundo, Washington é atualmente um dos grandes centros de atividade bélica, de onde emanam diretrizes em todos os sentidos para assegurar a vitória nesta verdadeira cruzada contra os inimigos da civilização.



# BOMBARDEIROS

## A ARTILHARIA AÉREA DE GRANDE ALCANCE

Aviões de bombardeio têm apenas um propósito: levar a destruição ao inimigo. São, pois, uma arma essencialmente ofensiva. Conquanto haja vários tipos de bombardeiros — pesados, de grande autonomia, ou raios de ação; médios, de pequena autonomia; de mergulho, e torpedeiros — todos têm a mesma missão básica de atacar o inimigo rapidamente, causando-lhe o maior dano possível. Livres da designação especial de seus fins, tais aviões são simples artilharia aérea de longo alcance.

O bombardeiro é a espinha dorsal das forças aéreas do Exército e da Marinha dos Estados Unidos. Aviões de caça e interceptores são empregados principalmente em ação defensiva, isto é, para afastar ou desviar os bombardeiros inimigos, ou para proteger os flancos, de modo que os vários tipos de aviões de bombardeio possam levar a efeito a sua missão sem interferência dos aparelhos de caça do adversário.

Em operações terrestres, os bombardeiros de mergulho atuam como artilharia de campanha, para apoiar o ataque de tanques e destruir posições de artilharia. Os bombardeiros médios, tão velozes quanto a maioria dos aviões de caça, e capazes de levar grande carga de bombas, atacam as concentrações inimigas, suas linhas de comunicações e depósitos de munições e combustível. Os bombardeiros ligeiros ou leves, céleres e flexíveis, encarregam-se do ataque a colunas de tropas, e complementam as operações dos tipos médios.

A mais possante arma aérea, devido ao seu alcance, capacidade de carregar bombas e poder ofensivo, é o bombardeiro pesado. Capaz de realizar missões táticas a mais de 3.000 quilômetros de suas bases, os aviões do tipo Fortaleza Voadora, Liberator e Coronado, carregam várias toneladas de bombas a uma velocidade de cerca de 500 quilômetros horários. Só recentemente a Inglaterra e Alemanha o adotaram, sendo que o Japão nunca se preocupou com esse tipo de avião. Nos Estados Unidos, entretanto, há anos que pesquisas e experiências vinham sendo feitas. E os resultados têm correspondido completamente às expectativas dos técnicos civis e militares.

Numa guerra de imensas distâncias no Pacífico, o extraordinário raio de ação desses aeroplanos quadrimotores irá provar o seu valor decisivo.

Outra reconhecida vantagem dos grandes bombardeiros é a enorme altitude a que são capazes de atingir. Equipados com turbo-supercompressores, que ao nível do mar as pressões do carburador em seus motores de 2.000 CV em todas as altitudes, esses aviões são capazes de voar tão alto que, na realidade, o seu limite ainda é desconhecido. A impossibilidade física de suas guarnições para suportar as condições atmosféricas acima de certas altitudes tem, até agora, impedido a determinação exata do seu limite.

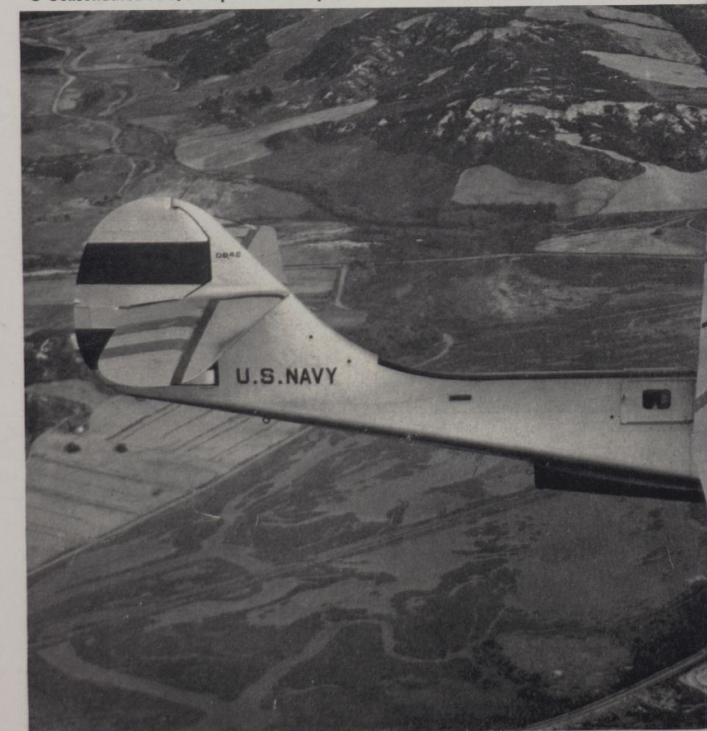
Desde os tempos em que o aeroplano tornou-se arma ofensiva, a vantagem fundamental tem estado com o piloto que puder voar mais alto. O turbo-supercompressor é um meio pelo qual aviadores americanos e ingleses podem atingir e permanecer a enormes altitudes.

Os princípios de metalurgia e engenharia referentes a velocidades de turbinas de quase 30.000 rotações por minuto, vapores de descarga de talvez 800 graus, e temperaturas exteriores de mais de 60 graus abaixo de zero, constituem os segredos do turbo-supercompressor. Peritos de aviação são de opinião que, mesmo que um desses aparelhos fosse conseguido intacto, abatido na Europa, seria necessário mais de um ano de análises e pesquisas para reproduzi-lo.

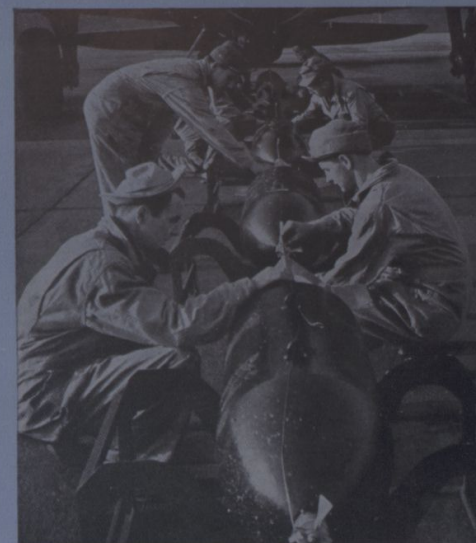
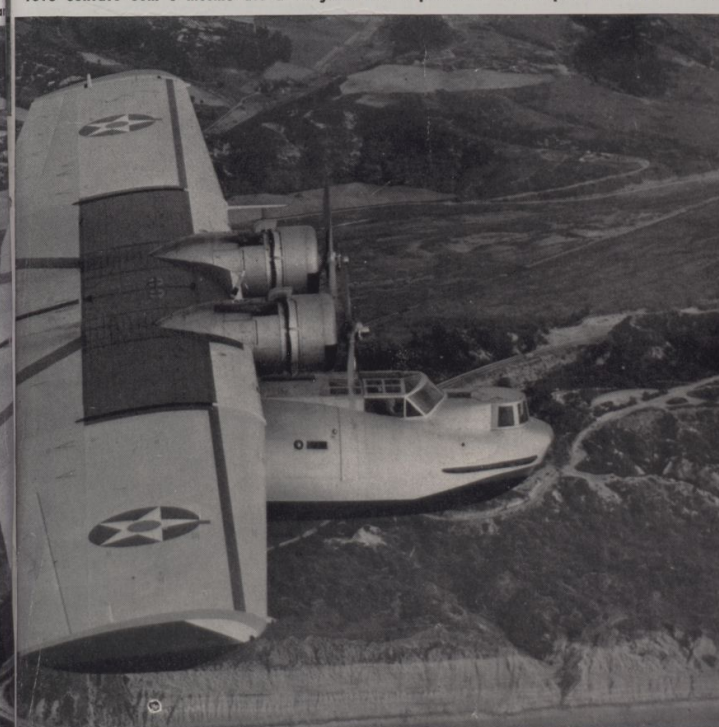
Para a mais prosaica, mas também importante tarefa de patrulhar ao longo das costas, como no caso do Hemisfério, a Marinha depende essencialmente de dois tipos comprovados de bombardeiros de patrulha. O mais conhecido destes é o famoso Consolidated PBV, cognominado Catalina pelos ingleses, do mesmo tipo daquele que observou o "Bismarck" e manteve constante o contato, até a chegada dos aviões torpedeiros que se encarregaram de pôr fôra de combate o poderoso cruzador alemão. Além dos PBV, a Marinha dispõe de numerosos Martin PBM, denominados "Mariners", para o serviço aéreo de guarda-costas.



A Fortaleza Voadora, famoso gigante americano dos ares, que carrega toneladas de bombas. O Consolidated PBV, do tipo do avião que localizou o malogrado cruzador "Bismarck", e mais



a uma altitude e velocidade que torna ineficaz a ação dos aviões que procuram dar-lhe caça. teve contato com o mesmo até a chegada dos torpedeiros aéreos que afundaram o navio.



Bombas de 300 kg., em vias de seguirem no bojo de um bombardeiro, recebem cuidadoso tratamento para garantir a precisão do lançamento.



Um Curtiss, do tipo usado pela Marinha, e que é considerado possuidor de raras qualidades como aparelho de bombardeio em mergulho.



O avião A-20A, de ataque e de bombardeio, tem as características de um avião de caça e de um aeroplano de bombardeio, ligeiro.



Este velocíssimo bombardeio médio, capaz de bastante carga de bombas, destina-se para missões de bombardeio em pequeno raio de ação.



# AVIÕES DE COMBATE

OS MAIS VELOZES DOS AEROPLANOS MILITARES

Os aviões de combate — de caça e interceptores, são os mais velozes, mais espetaculares de todos os aeroplanos militares. Capazes de desenvolver uma velocidade superior a 500 quilômetros horários, atingir a 15.000 metros de altitude ou mais, e dispôr de poder ofensivo tremendo, os modernos aviões de combate são o recurso mais eficiente contra o poder destrutivo do moderno bombardeiro.

Sem proteção adequada contra bombardeiros inimigos, indústrias vitais, linhas de comunicações, estabelecimentos militares, bases navais e até mesmo encouraçados podem ser atacados fatalmente.

Basicamente, o avião de caça é uma "plataforma de peça" aérea. E como o seu natural objetivo é o bombardeiro inimigo—arma ofensiva—o estratégico emprego do avião de combate é fundamentalmente defensivo. Sua função é proteger os estabelecimentos ao longo do território, e navios contra os assaltos de bombardeiros.

Na batalha de Grã-Bretanha, verificou-se uma luta da extermínio entre o poder ofensivo dos bombardeiros alemães, procurando arrasar o intrincado sistema industrial e de comunicações que eram a alma do poder britânico para resistir e reagir, e a defesa do avião de combate levada a efeito pela R.A.F.

Que a aviação inglesa foi capaz de varrer dos céus da Inglaterra os bombardeiros germânicos, constitui isso um tributo não só à habilidade e denodo dos pilotos da R.A.F., como também à performance e ao poder ofensivo que os técnicos ingleses haviam incorporado em seus Spitfires e Hurricanes.

Conquanto os aviões americanos de bombardeio fossem reconhecidos como dos melhores do mundo, e fossem mesmo incomparáveis em certas categorias, só recentemente se pode dizer o mesmo acerca dos aviões americanos de caça. Mas aproveitando as lições colhidas sob verdadeiras condições de combate, os fabricantes americanos não perderam tempo de melhorar detalhes essenciais: poder de fogo, velocidade e proteção ao piloto.

Felizmente esta transição não exigia a criação de novos desenhos, trabalho longo e enfadonho. Modelos experimentais, superiores em velocidade, em poder ofensivo, armamento e maneabilidade, a qualquer tipo europeu, de há muito que se achavam em exaustivas provas no Exército e na Marinha. Foi necessário apenas iniciar a sua produção em grande escala.

Hoje a aviação do Exército e da Armada encontram-se completamente equipadas com aviões de combate cuja performance corresponde perfeitamente aos seus fins. Em produção em massa acham-se agora pelo menos cinco tipos desses aviões: o Curtiss P-40F, Bell P-39 (Airacobra), Lockheed P-38, conhecido por Lightning, e considerado o avião de guerra mais veloz do mundo, o Republic (Thunderbolt), e o Vought-Sikorsky F4U (Corsair) da Marinha. Todos desenvolvem velocidade superior a 650 quilômetros a hora, e dispõem de canhões de 37mm, além de baterias de metralhadoras cujo calibre é de 7,5 e 13mm. Pilotos americanos afirmam que com tais aparelhos, são capazes de voar mais e levar vantagem sobre qualquer avião que o inimigo possa produzir.

O desenho do moderno avião de combate representa um contínuo reajustamento. Parte do sucesso da R.F.A. em eliminar dos céus ingleses os bombardeiros alemães deve ser atribuído ao fato de não equiparem os alemães seus aviões desse tipo com armamento e couraças defensivas convenientes. As oito ou doze metralhadoras com as quais se achavam armados os Spitfires e Hurricanes podiam praticamente esfacular bombardeiros em plenos ares. Mas a adição de couraça e maior poder de fogo aos bombardeiros, tornou necessário o emprego de canhões mais pesados. Há muito tempo que os técnicos da Aviação Militar americana têm sido em favor da instalação de metralhadoras de 13mm, e até canhões de 37mm em aviões de caça.

Antes do aperfeiçoamento do motor radial de 2.000 CM, e do avião de combate bi-motor como o Lockheed P-38, o maior peso dos canhões de maior calibre teria necessitado aviões também maiores e, consequentemente, menos velozes. Proporcionando-lhes maior potencial, os técnicos americanos conseguiram incorporar este armamento adicional sem ser necessário sacrificar a velocidade. Na Europa e África e agora no Extremo Oriente, os aviões americanos de combate tem satisfeito inteiramente seus pilotos. E agora estão esses aeroplanos a sair das fábricas em número que só se compára com o número de pilotos que estão sendo graduados nas escolas de aperfeiçoamento aéreo do Exército e da Armada.

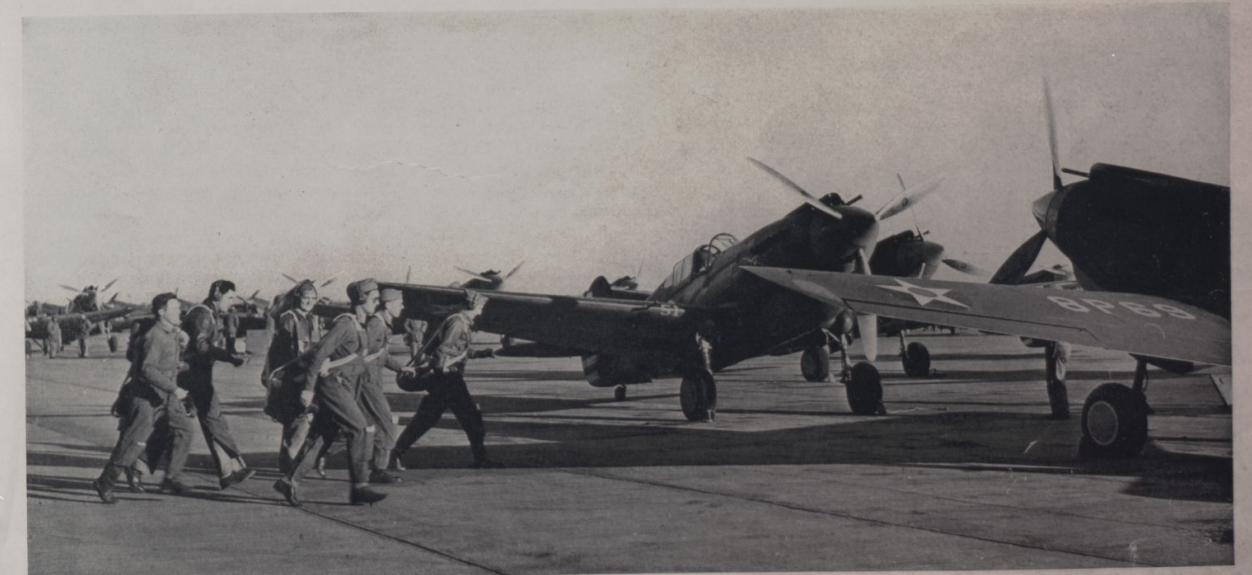
Este aparelho de caça, é um tipo novo aperfeiçoado pela Marinha, e dispõe de possante motor de resfriamento por ar, e é capaz de desenvolver uma velocidade de 650 quilômetros horários.

O possante bi-motor cognominado "Lightning" ("Raio") pelos ingleses, é provavelmente o avião de caça mais veloz do mundo, desenhado especialmente para interceptação e ataque.

O novo "Wildcat" da Marinha, avião de caça com base em porta-aviões. Em baixo, vemos o famoso "Airacobra", cognominado "Canhão voador", porque dispõe de um canhão de 37mm.



Brilhante em sua ação, este avião de caça, o P-40, chamado pelos ingleses "Tomahawk", demonstrou a sua superioridade na Líbia e fará o mesmo no resto do mundo.



O intenso treinamento aéreo nos Estados Unidos tem proporcionado à sua aviação militar os melhores elementos, em matéria de pilotos e aparelhos. Vemos na gravura uma turma de pilotos assumindo seus postos em menos de um minuto, ao ser dado o sinal de alarme. Em poucos minutos mais, estarão, com seus modernos aviões em plenos ares.



# A MARINHA EM PÉ DE GUERRA

A MARINHA dos Estados Unidos tem tido como finalidade a ação em longas distâncias, a fim de dar combate ao inimigo a milhares de milhas da costa americana. Seu vasto raio de ação, característica acentuada na construção de todas as suas unidades de combate, foi julgada necessária pelos estrategistas navais, de maneira a facilitar à esquadra a ação longe da costa, simultaneamente no Atlântico e no Pacífico.

Todas as unidades da esquadra, desde submarinos até couraçados e porta-aviões, têm sido construídos para proteger costas e rotas marítimas de grande extensão. Seu objetivo é, pois, evitar a movimentação do inimigo em seu início, e ganhar tempo mantendo a luta a maior distância possível das costas americanas. Todos os navios têm sido construídos com o propósito de atacar as unidades inimigas e afundá-las em suas próprias águas.

A fim de atender a esses requisitos, a Marinha tem dado toda atenção a detalhes de navegabilidade. As unidades da esquadra não só estão capacitadas para permanecer em alto mar por períodos extremamente longos, como também são construídas para resistir ao efeito do ataque inimigo com projéteis e bombas. Dispõem, portanto, de maior raio de ação e de couraças de maior espessura em comparação com os navios do mesmo tipo, de outras esquadras.

A média de espessura da couraça dos encouraçados americanos é consideravelmente maior que a de 305 mm. dos encouraçados japoneses. Entretanto, couraças espessas e grande raio de ação, conseguem-se apenas com sacrifício da velocidade. Por isso, a média de velocidade do couraçado americano é ligeiramente inferior à de 24,7 nós dos japoneses, ou à de 26,1 dos ingleses.

Contudo, estas são apenas velocidades táticas, isto é, em condições de batalha. A velocidade estratégica é outra coisa; significa o tempo necessário para alcançar objetivos distantes. Neste particular o raio de ação e capacidade de combustível dos vasos de guerra americanos compensam a sua aparente desvantagem em velocidade. Demais, há ainda o fato de acharem-se constantemente sendo incorporados à esquadra, novos couraçados, capazes de fazer mais de 27 nós e dispor de chapas de 460 mm. ou mais, nas torres dos canhões. Dois navios da classe de 35.000 toneladas já estão na linha de batalha, e outros mais serão incorporados.

Devida atenção tem sido dada às lições da segunda guerra mundial, até agora tão cheia de imprevistos. Os modernos encouraçados têm recebido considerável proteção horizontal, com o convés revestido de couraças capazes de suportar o choque mais violento, exceto de bombas aéreas de grandes dimensões. Para aumentar a sua proteção puramente passiva, ao couraçado tem sido adicionados formidáveis canhões anti-aéreos, automáticos, cuja eficiência contra o ataque de bombardeiros em mergulho ou de aviões torpedeiros é reconhecida, exceto em condições especialíssimas.

Devido a ser o raio de ação da esquadra determinado pelo combustível de sua menor unidade combatente, o destroyer, estas unidades na frota americana estão em condições de atingir o extraordinário raio de 6.000 milhas, antes de abastecerem-se novamente.

Torna-se possível aumentar o raio de operações da esquadra, fazendo-se acompanhá-la de navios-

tanques, de abastecimentos e navios oficinas. Mas a não ser que se possa conseguir seguro ancoradouro para esses auxiliares, corre-se o risco de expô-los ao ataque pelo inimigo.

O moderno destroyer tem um deslocamento médio de 1.500 toneladas, 90 metros de comprimento e 9 de vãos, requisitos estes considerados como os mais convenientes pelos engenheiros navais, para atender às necessidades dessas unidades ligeiras. Providos com máquinas extraordinariamente possantes, em comparação com as suas dimensões e deslocamento, os destroyers dispõem assim de extrema manobrabilidade, condição essencial para a natureza de serviço que deles exige a esquadra.

Capazes de desenvolver uma velocidade de 35 nós ou mais, mesmo em mau tempo, o destroyer é uma espécie de "cavalaria ligeira dos mares", tal a rapidez com que pode fazer observações e contatar o inimigo.

O moderno destroyer americano é construído com excepcional poder ofensivo e defensivo. A sua es-

trutura, protegida devidamente, já tem sido posta à prova.

Se se alterar o curso da guerra e for necessária a presença de uma completa esquadra de batalha no Atlântico norte, os Estados Unidos poderão, pelo menos, manter a defensiva no Pacífico, enquanto estiverem fazendo a guerra de atrito com o Japão. Cruzadores pesados, grandes submarinos e bombardeiros com suas bases em porta-aviões, serão usados para atacar as linhas japonesas de abastecimentos. Haja o que houver, os Estados Unidos dificilmente afastarão suas unidades navais da zona sul do mar da China. É que por aí não somente se faz a passagem de material estratégico americano (borracha, estanho, tungstênio, etc.) como também é essa uma via de curso vital para os japoneses. A alta estratégia naval considera essa área como a que mais requer eficiente pressão contra as linhas de abastecimentos e comunicações do Japão.

Entretanto, talvez ainda esteja muito remota a necessidade da presença da esquadra no Atlântico

Todas as unidades da Armada, desde o submarino até o encouraçado e o porta-aviões, têm sido construídas para garantir as costas do Hemisfério e suas rotas marítimas. Seu objetivo é evitar a movimentação do inimigo em seu início, mantendo a luta a maior distância possível.

norte. Si Dakar e a esquadra francesa escaparem das mãos germanicas, o Atlântico sul poderá permanecer também relativamente calmo.

No Pacífico sul, as rotas do Japão são longas. De Singapura, das Índias Holandesas ou das Filipinas, os aliados poderão atacar os flancos das comunicações e abastecimentos nipônicos. Destroyers, submarinos e bombardeiros patrulhas poderão atacar o comércio marítimo do Japão. A sua frota mercante mal chega para as suas necessidades em tempo de paz. E seus estaleiros, para a construção de novos navios, dependem muito de material importado.

Uma das armas mais efetivas da esquadra americana é o cruzador pesado. Dezoito já se encontram incorporados, e dezesseis acham-se em acabamento. Esses cruzadores são dotados no convés e costado, de couraças de cinco polegadas, e nas torres, de couraças de seis polegadas, além de disporem de baterias pesadas anti-aéreas. Dispõem ainda de quatro aviões e têm um raio de ação de 18.000 milhas. São capazes de enfrentar com vantagem

quasi que qualquer oponente, exceto o encouraçado.

Os cruzadores japoneses destinam-se também ao ataque ao comércio marítimo, sendo por isso unidades corsárias. São velozes, mas a sua couraça foi sacrificada. Conquanto, como corsários, esse fato não apresente desvantagem alguma, o Japão ver-se-á em embaraços para usar seus cruzadores contra o ataque ao seu comércio pelas unidades americanas.

E nesse caso, os japoneses poderão ver-se forçados a garantir o seu comércio no sul do mar da China, por encouraçados. Ao fazer isto, terão eles desviado de sua principal linha de batalha maiores unidades, que ficarão impossibilitadas de importante ação ofensiva. Além disso, ao sul, o mar da China é arriscado para couraçados, devido à proximidade de bases terrestres das quais bombardeiros americanos poderão operar. E por não ser o mar largo bastante, naquela região, os submarinos americanos podem agir com grande vantagem.

Para o Japão predominar aí, será necessário apoderar-se de bases americanas, inglesas e ho-

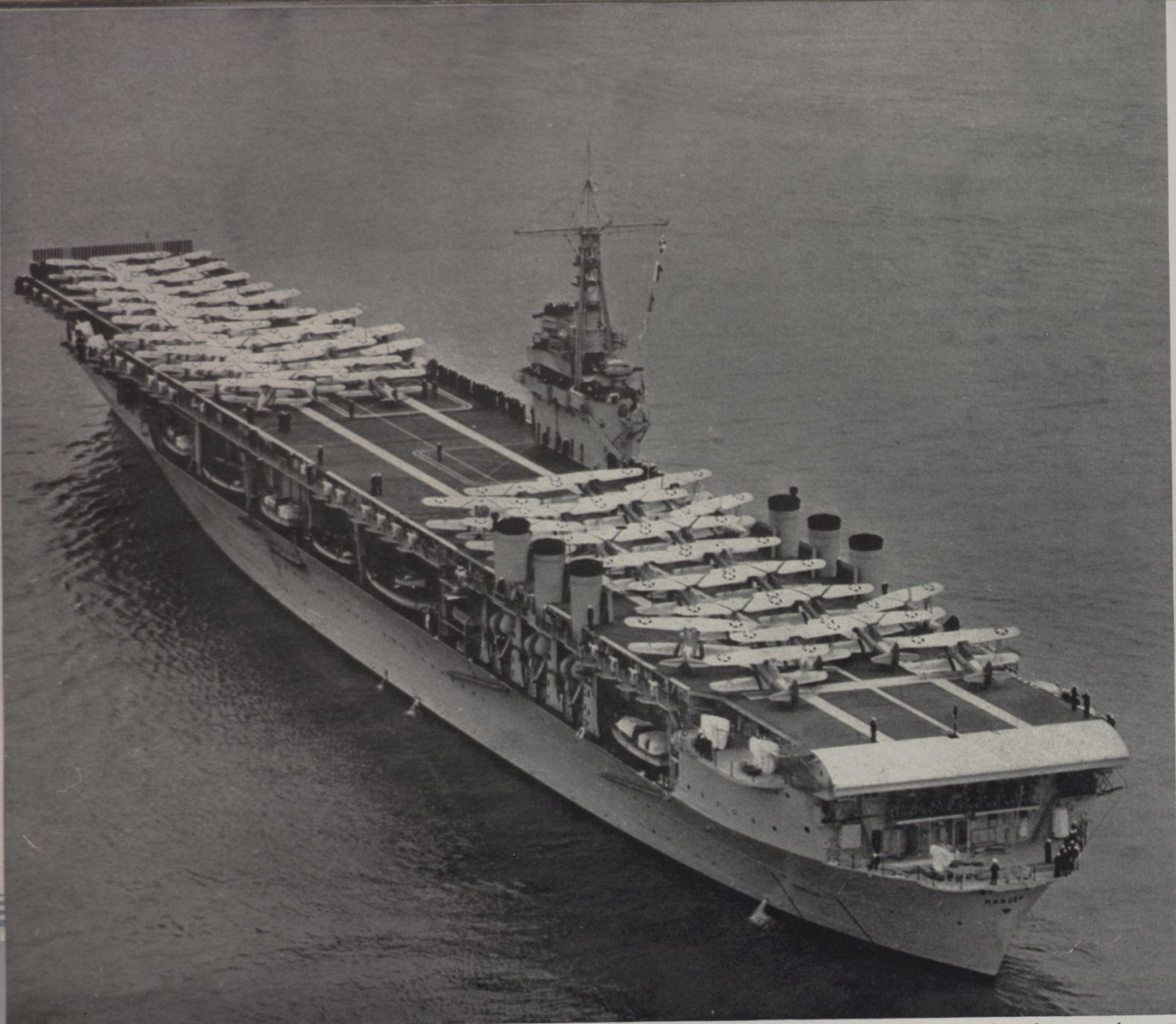
landesas. Essa iniciativa impõe-se até mesmo para manter relativamente segura, a posição defensiva japonesa. Quanto a suas operações além do Pacífico oeste, não há muita razão para preocupações, por isso que o Japão acha-se praticamente engarrafado naquela zona.

Tais operações apresentam a vantagem de manter o principal teatro da guerra no Pacífico oeste, em vez de nas proximidades da costa americana.

Seja qual for a tática japonesa, os Estados Unidos lançarão gigantesca ofensiva para encerrar a guerra com sucesso. A estratégia americana imediata, entretanto, requer ataques de longo alcance nas linhas vitais nipônicas, concentrações aéreas crescentes contra as bases territoriais japonesas, estaleiros e centros industriais, e uma defesa simultânea das posições no Pacífico capazes de tornar possível tal estratégia.

Uma guerra prolongada será tão desvantajosa para o Japão, como tem sido para a Alemanha — que está se vendo lograda na sua esperada vitória.





O porta-aviões carrega cerca de oitenta aeroplanos e dispõe de uma guarnição de 2.000 homens—muito mais do que necessitam alguns dos maiores vasos de guerra.



Os pequenos e velozes aviões de caça da Marinha dispõem de asas dobradiças, a fim de ocuparem o menor espaço possível, quando acomodados no hangar sob a coberta.

## NAVIOS PORTA-AVIÕES—

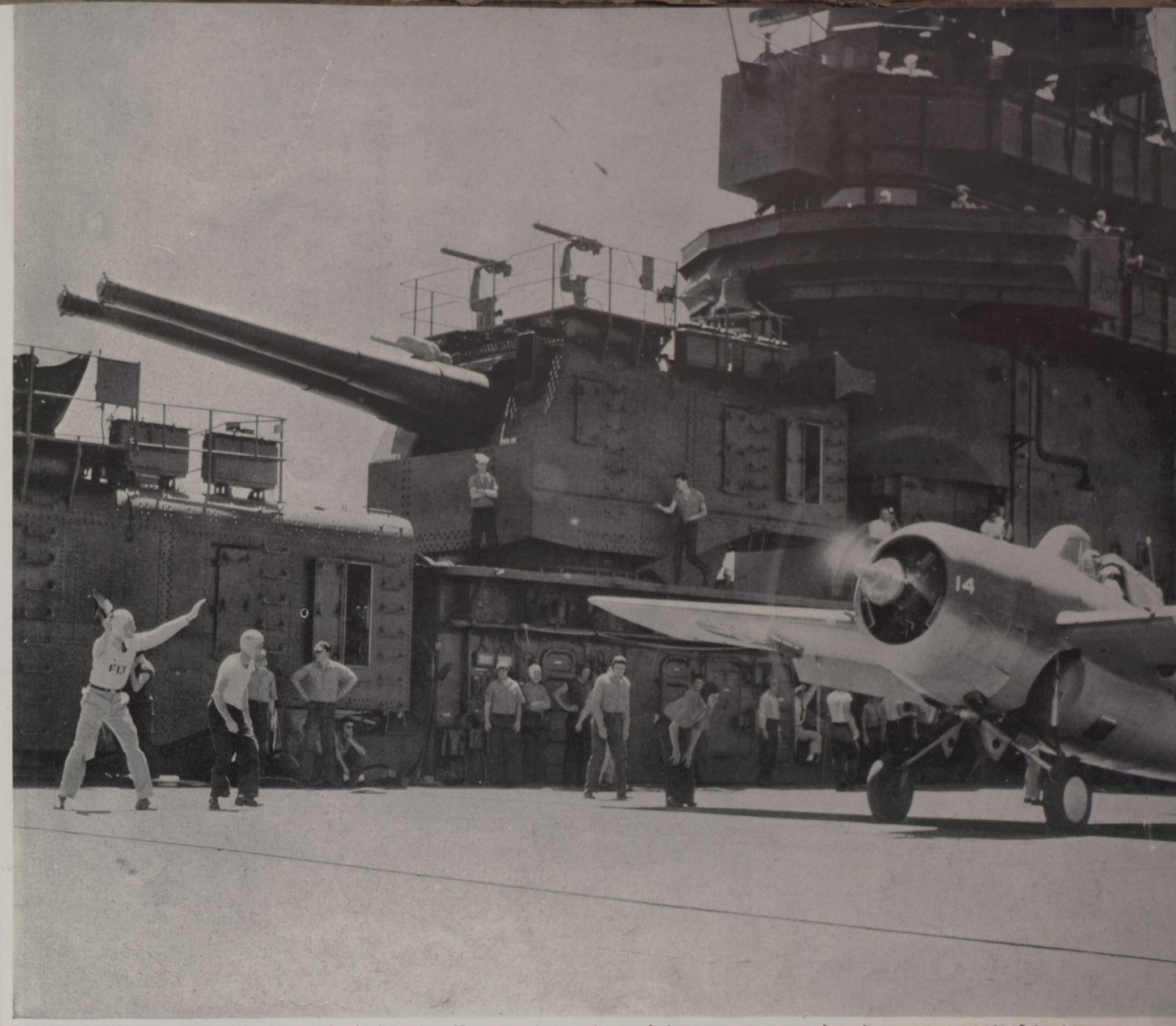
O FANTÁSTICO desenvolvimento de luta aérea nesta guerra tem aumentado enormemente a importância do porta-aviões como arma tática.

Conquanto seja de grande importância descobrir a posição da frota inimiga, mais importante ainda é destruí-la. Esta é a missão do porta-aviões. Na esquadra americana, cada porta-aviões (existem sete em serviço e onze em vias de acabamento) carrega em seu bojo mais de setenta e cinco aviões distribuídos em esquadrilhas de caça, de observação, de bombardeio, e torpedeiros. Os de caça servem para proteger os de bombardeio.

Cada porta-aviões, com uma guarnição de 2.000 homens, leva a bordo mais homens que qualquer outro navio de esquadra. Não obstante, apenas uns 120 são pilotos propriamente. O restante compõe o quadro de mecânicos e maquinistas, além do pessoal necessário, e geralmente numeroso, para atender aos serviços de um navio de guerra de grandes dimensões.

A aterrissagem e decolagem num porta-aviões requer extraordinária perícia. Os pilotos, ao aterrissar, geralmente não podem ver a coberta, e por isso têm de seguir as instruções transmitidas por oficiais encarregados das aterrissagens, e que permanecem de pé numa plataforma especial situada no costado.

Na formação típica de uma esquadra de batalha, os navios porta-aviões seguem a considerável distância, no retaguarda do núcleo principal da esquadra, protegidos por uma série de destroyers. Primeiro levantam vô alguns aviões de reconhecimento, para sondar os horizontes. Si observam aviões inimigos, decolam então



Ao sinal dado pelo comandante, o avião arranca para a decolagem a bordo do porta-aviões, enquanto cruzadores e destroyers encarregam-se de proteger esses aeroportos flutuantes.

## AEROPORTOS FLUTUANTES

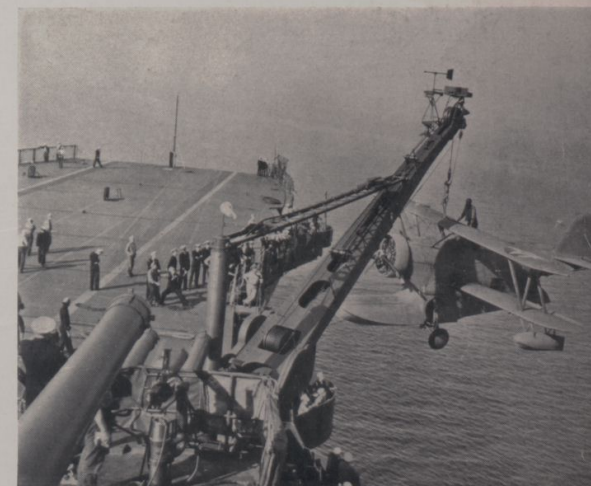
os aviões de caça. Os pilotos avisam imediatamente a presença de qualquer navio inimigo. E' aí que o gigantesco porta-aviões entra em ação. Os aparelhos de bombardeio e os torpedeiros são então alçados ao convés, por meio de elevadores. Os pilotos assumem seus postos, assim como todos os auxiliares, inclusive os de socorro e salvamento. Os artilheiros assestam suas baterias anti-aéreas, e vigias mantêm-se alertas, observando qualquer avião ou navio inimigo.

Quando o encarregado da navegação informa rapidamente da velocidade e direção do vento, o porta-aviões faz uma manobra e coloca-se com a proa na direção do vento, a fim de facilitar a decolagem dos aeroplanos.

Ao sinal dado pelo comandante, os aviões de caça, de observação e de bombardeio, e por último os torpedeiros, rolam pela coberta e fazem-se ao ar. Os aviões torpedeiros são os últimos porque necessitam rolar mais tempo para decolar. Esses aparelhos carregando torpedos de 900 quilos, ou bombas de 250 quilos, saem rosnando furiosamente para a sua missão. O porta-aviões, que pode desenvolver uma velocidade considerável, volta então à sua posição no conjunto da esquadra de Batalha.

E os aviões, depois de realizada a sua missão, regressam à sua base, a bordo do porta-aviões. Primeiro aproximam-se os aviões torpedeiros, e em seguida, os aeroplanos leves de observação e de caça, protetores dos bombardeiros.

O porta-aviões tem desempenhado insubstituível papel na esquadra moderna. E o seu desenvolvimento seguirá passo a passo com o da própria aviação de guerra.

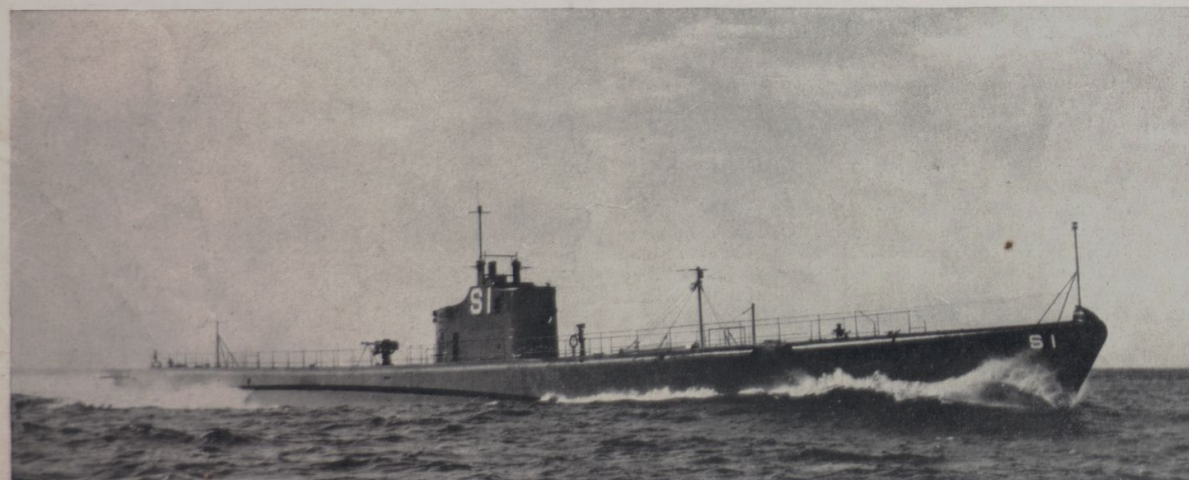


Possante guindaste iça um avião anfíbio a bordo do porta-aviões, durante recentes manobras no Pacífico. O navio pode desenvolver uma velocidade de 32 milhas.





Os submarinos americanos, superiores aos empregados na primeira guerra mundial, achando-se empenhados em cortar as linhas de comunicações do inimigo.



**Na superfície** os submarinos são acionados por motores Diesel. À noite, protegidos pela obscuridade, emergem para refazer a energia de seus acumuladores e renovar o ar. Seu casco, longo e negro, constitui "camouflage" natural. O único meio de localizá-los submergidos é com aparelhos acústicos ou elétricos (rádio-sondas de ondas curtas).

## O SUBMARINO

ARMA CAPITAL DA ESQUADRA

O SUBMARINO, cuja aplicação destacou-se pela primeira vez durante a guerra de 1914, é atualmente uma das armas navais de suprema importância empregadas na segunda guerra mundial.

Os Estados Unidos possuem uma das maiores frotas de submarinos do mundo. É extrema vantagem, especialmente em operações contra as extensas linhas de comunicações do inimigo no Oceano Pacífico.

O moderno submarino é incontestavelmente superior aos então usados na primeira guerra. A técnica de seus complexos mecanismos e a sua refrigeração proporcionam-lhe agora um raio de ação muito maior e maior possibilidade de sua permanência no mar.

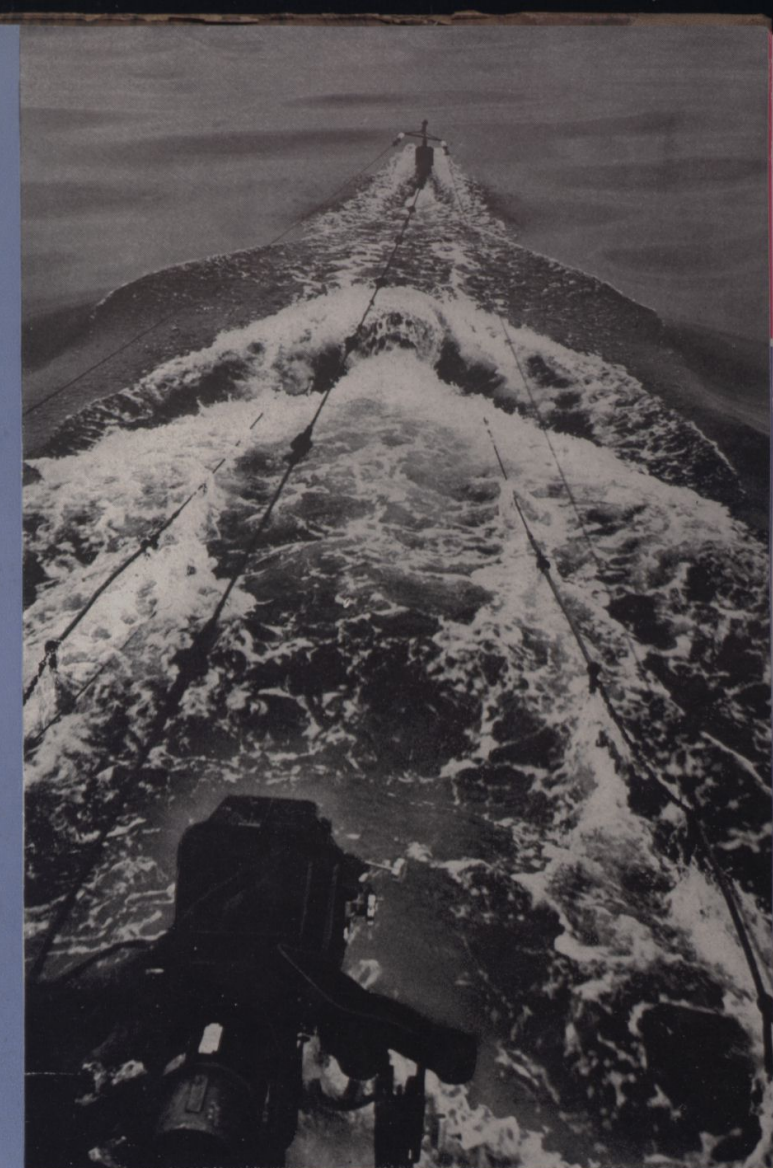
A tendência atual é de construir submarinos menores. O seu tamanho oscila entre unidades diminutas, com tripulação de dois homens apenas e raio de ação sumamente reduzido, até os submersíveis gigantesco, capazes de um raio de ação de 18.000 milhas, que é superior ao da maioria dos encouraçados.

Não obstante, a média é do submarino de cerca de 1.500 toneladas, com uma guarnição de 55 homens. Para navegar na superfície, empregam geralmente motores Diesel; quando submergidos, suas hélices propulsoras são acionadas por motores geradores alimentados com baterias de acumuladores.

Para o submarino, o elemento surpresa é a sua maior arma. Operando isoladamente ou em grupos, é um corsário eficaz contra o comércio.

O comandante de um submersível sabe que sua melhor defesa é a sua habilidade para aproximar-se e atacar antes de ser descoberto. Para lançar seus torpedos contra o inimigo, o comandante tem de saber a distância, o rumo e a velocidade de seu objetivo, e o ângulo em que o mesmo se encontra em relação ao submarino. Estes detalhes são observados através do periscópio, que sobe ou desce rapidamente por meio de possantes motores elétricos.

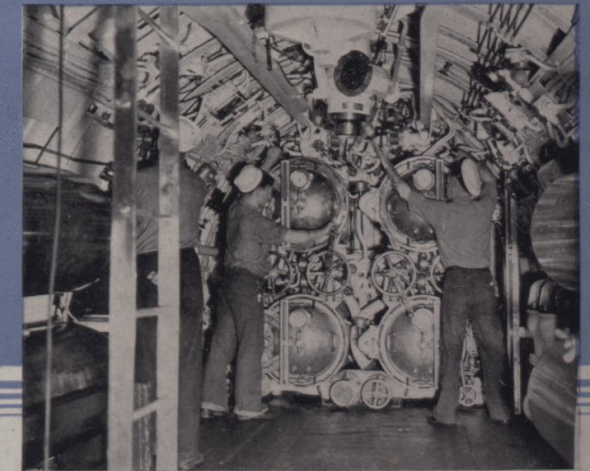
Em geral o alcance de fogo para um submarino é de 500 a 1.500 metros. Os maiores podem lançar seus torpedos, em rápida sucessão, e em alguns submarinos o lançamento pode ser de dez.



Ao submergir, o monstro deixa um rasto de mistério que é a própria razão da sua tremenda eficácia.



**Exercício** com o canhão da coberta, que completa a ação destruidora do torpedo nos encontros com indefesas unidades mercantes, ao longo de extensas rotas marítimas.



**Manejando** os complicados controles dos tubos lança-torpedos. Em suportes laterais há mais quatro torpedos prontos para manter a ofensiva em plena ação.





Os três principais dirigentes da complexa tarefa da defesa civil americana: Sra. Franklin Roosevelt, Sub-diretora; Prefeito LaGuardia, Diretor Geral, e J. M. Landis, Diretor Executivo.

Do terraço do edifício Empire State, em Nova York, duas vigias do Serviço Voluntário Feminino, observam a cidade antes de proceder-se a um exercício anti-aéreo.



## A DEFESA CIVIL NA

Mais do que em qualquer outro conflito na história, a segunda guerra mundial veio atingir com a violência de suas forças armadas, as populações civis dos países beligerantes. O avião, em sua fúria de arma de efeitos tremendos, tem trazido a guerra, dos campos de batalha, a quasi todos os lares na Europa e na Ásia.

Essa verdadeira entrega a domicílio dos horrores de guerra moderna tem exposto os não-combatentes a perigos nunca antes previstos. Populações inteiras, desarmadas, vivendo em cidades abertas, vêem-se agora sujeitas ao ataque discricionário, nas caladas da noite, atingidas brutalmente ao azar da sorte, em qualquer parte.

Em flagrante desrespeito a todos os preceitos do Direito Internacional e a convenções que mereceram de parte dos alemães promessas do mais sagrado cumprimento, deles tem sido exatamente a iniciativa de abrogar tais compromissos.

Objetivos verdadeiramente militares já passaram para segundo plano, segundo esse ponto de vista. Procuram eles agora, valendo-se do avião, aplicar o princípio bélico da submissão rápida por meio do choque brusco do bombardeio aéreo das populações civis. Desta maneira, esperam espalhar o terror, aniquilar o ânimo dos não-combatentes, acovardá-los em face de horrores indescritíveis e, consequentemente, influenciar no espírito de seus dirigentes, a ineficácia de prosseguir na resistência.

Assim teve começo esta segunda guerra mundial. Até que ponto

## GUERRA MODERNA...

tem servido aos propósitos de Hitler essa tática desbragada, aí estão os fatos para testemunhar. Si em casos impressionantes, tal objetivo verificou-se de acordo com os seus designios—existe também o caso não menos impressionante de Londres e outras cidades inglesas, para afirmar da inutilidade de tais práticas.

Inclue-se, portanto, nos problemas desta guerra, um dos mais complicados: o da defesa civil. É uma defesa que depende tanto do elemento civil como do militar.

De modo a atender à complexa organização que a defesa civil exige, o Presidente Roosevelt, em Maio de 1941, já havia cogitado da sua criação, com o estabelecimento da Direção de Defesa Civil, que ficou a cargo do Prefeito Fiorello H. LaGuardia, de Nova York.

Há quasi um ano, portanto, muito antes de atingir a guerra os Estados Unidos, o Diretor LaGuardia e seus auxiliares, vêm dando toda atenção à organização mais eficaz para defender a população civil contra ataques aéreos. Em ação conjunta com as manobras militares levadas a efeito em vários pontos do país, a Defesa Civil realizou vários "jogos de defesa" em diversas cidades, grandes e pequenas.

A área em que se considera conveniente concentrar os trabalhos da Defesa Civil acha-se nas costas do Atlântico e do Pacífico, numa faixa de 450 quilômetros ao longo do litoral e em certos pontos estratégicos no interior. Nessa área, concentra-se uma população de



Um membro do Corpo Médico de Socorro coloca a insígnia do Corpo Auxiliar de Enfermeiras Voluntárias numa de suas componentes, por ocasião da mobilização geral na cidade.

Sobre enorme mapa da cidade, auxiliares familiarizam-se com a expedição de sinais convencionais referentes à defesa de Nova York em caso de incursão aérea.







**Na escuridão** da noite, em Nova York, possantes projetores elétricos varrem os céus, em demonstração da localização de aviões inimigos em caso de ataque aéreo.



**Em** São Francisco da Califórnia, na costa do Pacífico, a precaução contra incursões aéreas tem tomado caracter mais amplo, conforme se pode ver na recente fotografia acima.

50.000.000 de almas. A Defesa Civil americana, entretanto, ao contrário dos ingleses, não pretende efetuar a retirada em massa, de mulheres e crianças dessa área. A população é tão densa, que tal medida iria perturbar os trabalhos de execução do programa industrial de guerra. Só com o desenrolar dos acontecimentos poderão ser tomadas providências contrárias ao plano ora adotado pelas autoridades.

Conquanto possam as cidades do litoral ser sujeitas a bombardeamento aéreo, esta hipótese tomará, provavelmente, mais o aspecto de assaltos isolados, do que os ataques em massa como os que foram feitos sobre Londres. Isto porque o Eixo não dispõe de bases de proximidade bastante para bombardear o território continental dos Estados Unidos, enquanto que seus porta-aviões, si fossem capazes de passar desapercibidos pelas patrulhas da esquadra, poderiam acomodar apenas 70 ou 80 aviões.

Até a entrada dos Estados Unidos na guerra, a Defesa Civil estava funcionando com um crédito de emergência de 900.000 dólares. Apenas 300 funcionários achavam-se a seu serviço em Washington, e

950.000 haviam se incorporado voluntariamente para assumir os vários deveres da defesa. Pelo país, em geral, não havia ainda preocupação exata de suas necessidades.

Mas em pouco tempo, a situação mudou completamente. O Diretor LaGuardia calcula em cerca de 5.000.000 o número de pessoas necessárias para a execução de um limitado programa de Defesa Civil. Grande número já se tem apresentado, e maiores apropriações estão em curso para atender às necessidades do serviço.

Uma patrulha civil aérea já se alistou para as respectivas funções durante a guerra. Cerca de 90.000 pilotos licenciados e 90.000 a serem licenciados dentro em breve, e um pessoal de campo estimado em 100.000 comporão a vigilância aérea. Cerca de 23.000 aviões e 2.000 aéro-portos civis, com seus hangares e oficinas, completam os requisitos essenciais da defesa.

Tão ativa quanto o Diretor LaGuardia, acha-se a Sra. Franklin D. Roosevelt, esposa do presidente, cujos quatro filhos fazem parte das forças aéreas da nação. A Sra. Roosevelt é assistente do Diretor da

Defesa Civil, e tem sido incansável em sua ação através do país, tratando da organização de vários serviços correlatos, e sobretudo do aspecto importante de preparar o ânimo de todos em face de qualquer eventualidade. Como parte das atividades da Defesa Civil, consta a organização de um verdadeiro exército feminino no interior, a-fim de atender à safra de vários produtos agrícolas.

Muitas senhoras representantes da Argentina, Bolívia, Costa Rica, Colômbia, Chile, República Dominicana, Equador, Salvador, Honduras, México e Panamá, têm participado ativamente em conferências femininas sob a presidência da Sra. Roosevelt, e relativas à Defesa Civil.

Seguindo sobretudo os ensinamentos colhidos na Inglaterra, a Defesa de há muito resolveu acêrca dos auxiliares de que necessita, e tem preparado manuais destinados ao seu adestramento. Além dos guardas de emergência, há ainda a polícia auxiliar, as esquadras para bombas, corpos de enfermeiras, mensageiros, motoristas, alimentação e habitação de emergência: demolição, reparos, bombeiros auxiliares, vigias de incêndio, corpo médico e de socorro.



Enfermeiras do Exército, com suas respectivas máscaras, atravessam espessa nuvem de gases, em recente provas preparatórias realizadas em Nova York.

**Vigilantes** femininas contra incêndios, preparam-se para lidar com bombas manuais e outros utensílios adequados contra bombas incendiárias de magnésio, que requerem técnica especial de borrifos d'água para apagá-las, além de extraordinário sangue frio.

**Enfermeiras** de emergência, procedentes de tôdas as classes sociais, são adestradas pelo Corpo de Saúde do Exército para atender a casos de urgência, no serviço geral de ambulâncias, em qualquer ocorrência que exija o seu concurso.

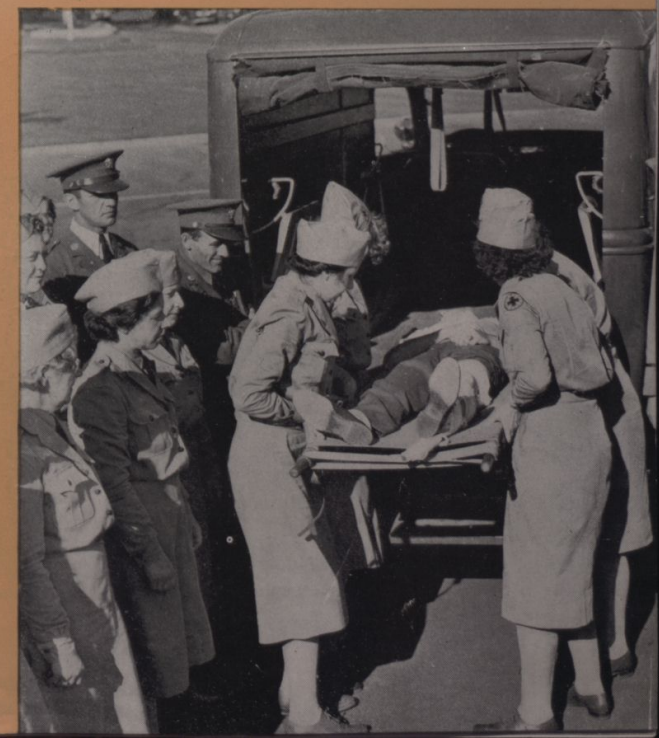
#### ALARME DE BOMBARDEIO



**Times Square** em Nova York, apresentava-se em seu movimento sempre crescente de pedestres, na hora em que foi tirada esta fotografia, antes de um alarme.



**O mesmo** local, em Times Square, pouco depois de ouvir-se o alarme de ataque aéreo. Todos os veículos pararam onde estavam, e não ficou um pedestre na rua.





# AS AMÉRICAS EM CONFERÊNCIA

PELA terceira vez desde o início da guerra européia, recorreram as nações do Novo Continente à reunião de consulta. E desta vez, sob a pressão de acontecimentos sem precedentes, resultante da injustificada agressão do Japão contra os Estados Unidos, e das declarações de guerra da Alemanha e Itália.

Reuniu-se a Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro para assinalar uma das maiores conquistas do século — a solidariedade interamericana em face de perigos que ameaçam a existência livre das nações do Novo Mundo.

A defesa do continente constituiu essencialmente o tópico principal a ser considerado nessa memorável assembléia. Em recentes conferências interamericanas, como as do Panamá e de Havana, o assunto foi objeto de convenções e declarações, restando desta vez discutir-se mais amplamente a oposição básica à intervenção estrangeira exposta na declaração de Lima e adotada na Oitava Conferência Internacional Americana.

Outra declaração de especial relevo para a defesa das nações americanas, relativa à assistência recíproca e cooperação, foi também adotada na Segunda Reunião dos Ministros de Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, na qual se determinou que "todo atentado de um Estado não-americano contra a integridade ou a inviolabilidade de território e contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerado como um ato de agressão contra os Estados que assinam esta declaração."

A 9 de Dezembro, o dr. Juan B. Rossetti, ministro das Relações Exteriores do Chile, endereçou uma comunicação ao presidente do Conselho Diretor da União Panamericana, na qual, considerando a agressão de que foram vítimas os Estados Unidos por parte



Palácio Tiradentes, onde se reuniu a Conferência

de potência não-americana, e tendo em vista o disposto nas resoluções XV e XVII da Reunião Consultiva de Havana, de 1940, pedia fossem consultados os demais governos americanos sobre a conveniência de se convocar com toda urgência uma terceira reunião de consulta dos ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas para considerar a situação criada e adotar as medidas mais adequadas exigidas pela solidariedade dos povos americanos e a defesa do hemisfério. No dia seguinte, o governo dos Estados Unidos dirigiu também uma comunicação ao diretor da União Panamericana, na qual, depois de referir-se ao ataque sofrido por seu país, e tendo em vista a resolução XV de Havana, propunha "que fosse realizada no Rio de Janeiro, na primeira semana de Janeiro, a Terceira Reunião dos Ministros de Relações Exteriores ou seus representantes."

Acompanhando essa comunicação, achava-se uma Justificativa, na qual se afirmava que "A onda de agressão havia atingido agora as plagas do Novo

Mundo. Nesta situação que ameaça paz, a segurança e a independência futura do hemisfério ocidental, é de urgente conveniência a consulta entre os Ministros de Relações Exteriores."

O resultado desse histórico conclave não deixa mais dúvidas sobre a significação da atitude do bloco de nações livres, que mais uma vez dá ao mundo convulsionado um exemplo inolvidável.

Além das medidas relativas à proteção do hemisfério, ficaram adotadas outras referentes à sua solidariedade econômica, na forma seguinte:

A) Medidas para preservação da soberania e integridade territorial das repúblicas americanas:

I — Exame das medidas a serem tomadas na jurisdição de cada uma das repúblicas americanas contra as atividades de estrangeiros que contribuam para pôr em risco a paz e a segurança dessas repúblicas. Troca de informações a respeito da presença nas repúblicas do continente de estrangeiros indesejáveis.

II — Estudo de medidas que possam ser tomadas, presentemente, pelas repúblicas americanas, e que visem a realização de objetivos comuns tendentes à reconstrução do ordem mundial.

B) Medidas tendentes ao revigoramento da solidariedade econômica das repúblicas americanas:

I) Fiscalização da exportação, visando a conservação de materiais básicos e estratégicos;

II) Entendimentos para aumentar a produção de materiais estratégicos;

III) Entendimentos para fornecimento a cada país, da importação essencial à manutenção da sua economia doméstica;

IV) Manutenção dos meios adequados de transportes marítimos;

V) Fiscalização das atividades econômicas e comerciais de estrangeiros, prejudiciais ao bem estar e aos interesses das repúblicas americanas.



Rio de Janeiro—a bela metrópole para a qual todas as atenções do mundo achavam-se voltadas, e de onde irradiaram novos horizontes para o Novo Mundo.



O embaixador brasileiro, Dr. Carlos Martins, tem a palavra numa reunião da Junta Diretora da União Panamericana, em Washington, que fixou a data da Conferência.



Presidente Vargas—pugnador da unidade continental.



Dr. Juan B. Rosetti, Ministro do Exterior do Chile.



Ministro Oswaldo Aranha, que presidiu a Conferência.





**Aspirantes** de Marinha, em aulas práticas a bordo de um navio da esquadra. Os aspirantes atualmente fazem o curso em três anos, em vez de quatro, sem perda apreciável no curso das instruções. Em baixo, vê-se o Corpo de Aspirantes durante a inspeção regulamentar, antes de marchar para o campo de manobras da Escola, a-fim de realizar uma parada festiva.



# ANÁPOLIS

ESCOLA NAVAL PARA TODA A AMÉRICA

A ESCOLA Naval de Anápolis, famoso e tradicional centro de instrução da Marinha de guerra americana, vái receber pela primeira vez em sua história, candidatos procedentes das demais Repúblicas do continente.

Quer dizer que a 30 de Junho dêste ano, começarão os candidatos aprovados, a fazer o curso regulamentar da Escola, de três anos, ora em vigor para os americanos.

Em tempo de paz ou de guerra, a entrada para a Escola Naval de Anápolis é uma distinção das mais procuradas pelos jovens americanos de todos os Estados da União.

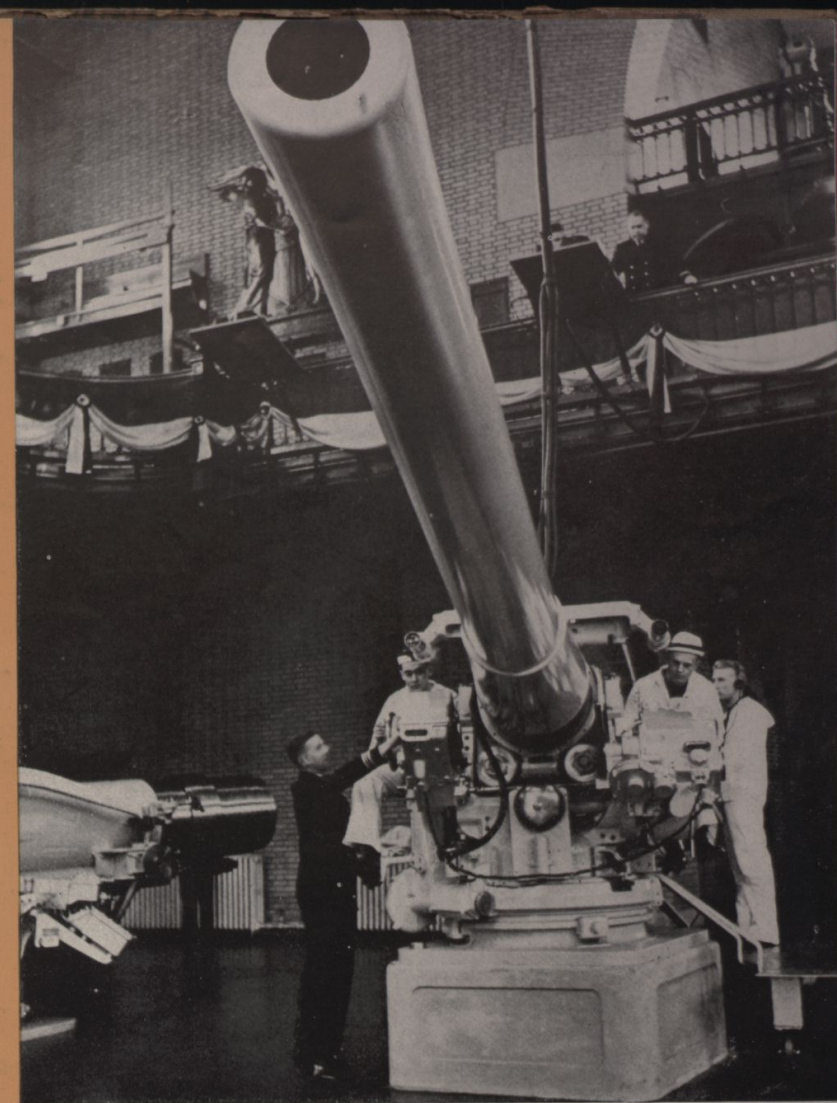
Os aspirantes procedentes das demais nações do Hemisfério irão encontrar um centro de instrução técnica naval, reconstruído completamente há trinta anos, e composto de vastíssima área, com 140 edifícios, onde se encontram as mais modernas instalações de toda sorte, para o complexo estudo e aplicação prática das várias matérias do curso.

Do conjunto de edifícios destacam-se hospitais, bibliotecas, ginásios, além de linhas de tiro, piscinas e um estádio de futebol.

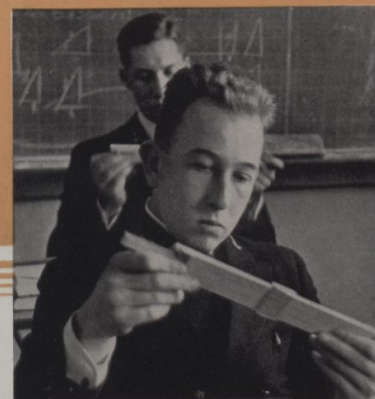
E como o mês de Junho, nos Estados Unidos, é o início da estação calmosa, os aspirantes vão passar o seu primeiro verão em exercícios práticos em embarcações de vários tipos, e recebendo instrução de infantaria e de tiro ao alvo. Depois, irão familiarizar-se com os diversos laboratórios técnicos, salas de desenho, princípios elementares de construção naval, e oficinas; aqui terão oportunidade de estudar e lidar com máquinas, reunir peças de motores, fundir peças e construir barcos a vela e a motor.

Ao fim do primeiro ano do curso, o cadete naval faz a sua primeira viagem de instrução, de um mês, a bordo de hiates e pequenos barcos patrulhas. Aí familiarizam-se praticamente com detalhes de navegação, aparelhos, artilharia, radiografia, eletricidade e engenharia naval. Segue-se mais um mês de estudos, e depois, férias. Durante o primeiro ano escolar, os estudos de matemática, linguas vivas, administração, história, e higiene, são feitos juntamente com os cursos práticos de ciências.

Do segundo ano em diante, o curso entra mais profundamente na técnica das disciplinas navais, estendendo-se em sua aplicação aos preceitos mais



**Desde cedo**, em Anápolis, dedicam-se os aspirantes ao estudo e manejo de peças de calibre médio. Em baixo, uma turma entrega-se a detalhes no estudo de avarias e métodos para manter a flutuação de navios avariados.



**Um aspirante** concentra-se em seus problemas de matemática, com o concurso da régua de calcular.





## ANÁPOLIS (Continuação)

experiências de todo dia, atualmente. Devido à presença de necessidade de oficiais para assumirem complexas funções a bordo do crescente número de unidades que estão se incorporando continuamente às duas esquadras, o curso de quatro anos acha-se agora reduzido a três. Nessa redução inevitável, estima-se numa média de cinco por cento a perda sofrida pelo respectivo curso.

Os aspirantes procedentes de outros países do Hemisfério, encontrarão em Anápolis verdadeiro interesse por parte de aspirantes e oficiais americanos, quanto ao estudo de espanhol e português. Cerca de 500 aspirantes e 60 oficiais do corpo docente, aplicam-se ao estudo desses dois idiomas.

O curso de três anos, feito com todo rigor, mas facilitado com recursos práticos e científicos, habilita os futuros oficiais a assumirem funções logo que terminem os estudos. Além de ser-lhes conferido o primeiro posto da hierarquia naval, recebem também o grau de Bacharéis em Ciências.

De acordo com os termos do ato do Congresso que permite a matrícula de candidatos das demais Repúblicas Americanas, na Escola de Anápolis, o número total a ser incluído no curso é limitado a vinte. Este número acha-se dividido pelas nações

### CONDIÇÕES PARA A ADMISSÃO NA ACADEMIA NAVAL DOS E. U. A.

Condições para admissão:

1. O candidato deverá:
  - a. ser solteiro;
  - b. ser cidadão do país que pedir a sua admissão;
  - c. ter não menos de 17 anos de idade e não mais de 21, a 1 de Abril.
2. Deverá apresentar condições físicas iguais às exigidas dos candidatos dos Estados Unidos.
3. Deverá estar em condições de escrever, ler e falar o idioma inglês.
4. Deverá submeter-se ao mesmo exame de admissão exigido dos candidatos dos Estados Unidos, exceto na parte referente à História dos Estados Unidos e Literatura Inglesa e sua história, matérias que poderão ser substituídas pelo exame de literatura e história de seu respectivo país de origem, de acordo com atestado oficial.

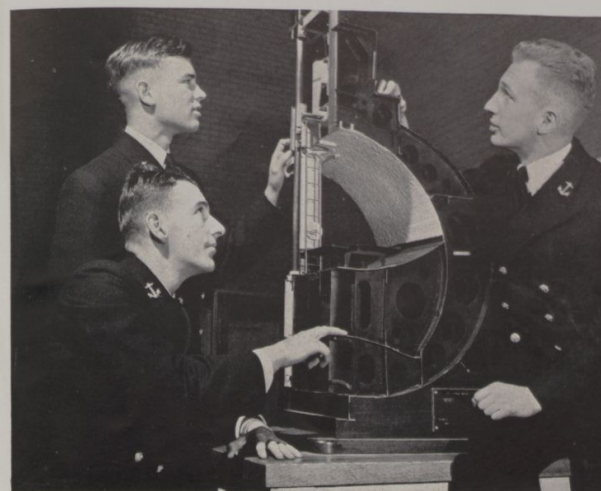
Para mais informações, os candidatos deverão solicitar por escrito ou pessoalmente às respectivas Embaixadas ou Legações dos Estados Unidos.

do Hemisfério. E no caso de não haver indicação por parte de uma ou mais nações, suas respectivas cotas poderão ser preenchidas por outras nações. Cada governo deverá indicar um ou mais candidatos, à vontade.

O exame de admissão poderá ser feito nos Estados Unidos, ou no país de origem do candidato; neste último caso, será feito com a assistência do respectivo adido naval americano ou representante diplomático. Em geral, os exames de admissão são realizados em Abril, e os candidatos aprovados iniciam o curso em Anápolis em Junho.

Conquanto esta seja a primeira vez que a Escola de Anápolis abra suas portas a candidatos estrangeiros, os cursos de aperfeiçoamento da Marinha têm sido frequentado por numerosos oficiais de marinha de vários países sul-americanos. Em 1941, cerca de quarenta, brasileiros, argentinos, chilenos, colombianos e peruanos, estiveram fazendo cursos de treinamento aéreo, construção naval e de aeroplanos, artilharia de costa e medicina especializada.

No verão passado, vários desses oficiais estiveram embarcados em unidades americanas, no golfo do México e em águas do Pacífico, adquirindo conhecimentos práticos, sob variadíssimas condições táticas.



O uso de modelos de todos os tipos de navios de guerra, imprime carácter prático aos cursos. Aqui os aspirantes observam a seção transversal de um modelo de submarino.



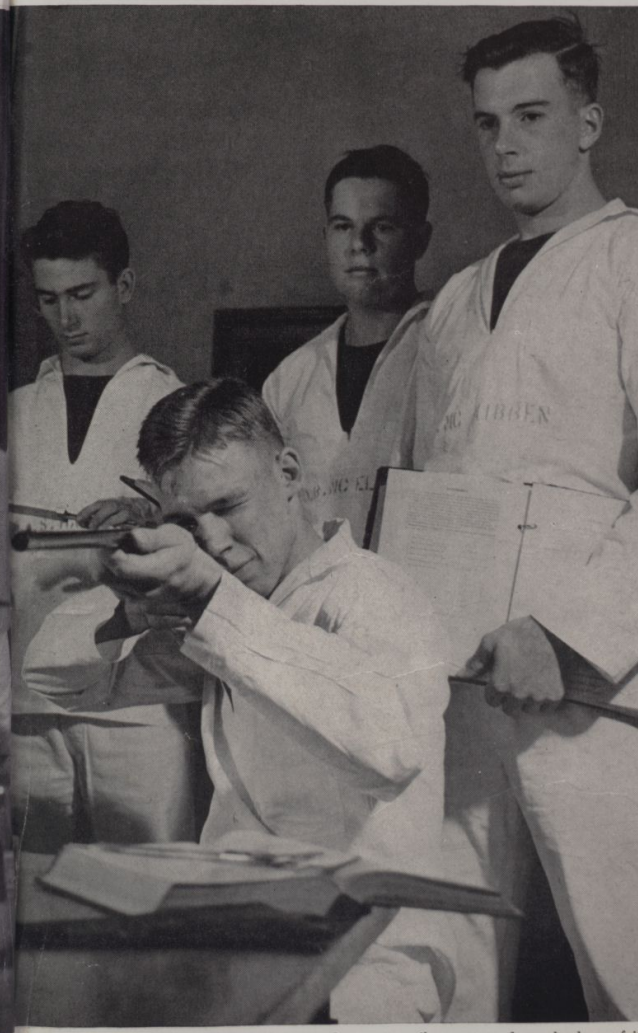
O regulamento investe os próprios aspirantes com autoridade para julgar as infrações de seus colegas e aplicar-lhes as medidas disciplinares das normas internas.



Durante o verão, realizam-se as viagens de instrução a bordo de unidades da esquadra. Aí vemos os aspirantes marchando para tomar posição nas embarcações.



Na aula de balística, estuda-se a determinação das relações entre a carga de pólvora e a velocidade inicial do projétil, assim como seus efeitos de penetração. Aqui o aspirante observa



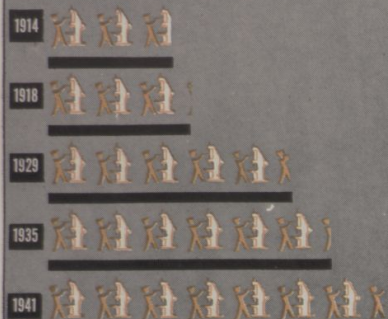
um pêndulo de madeira, cujo peso é conhecido, e que oscila numa escala graduada, o efeito de uma bala de 5.5 mm., que ele dispara. A força de penetração do projétil é assim determinada.



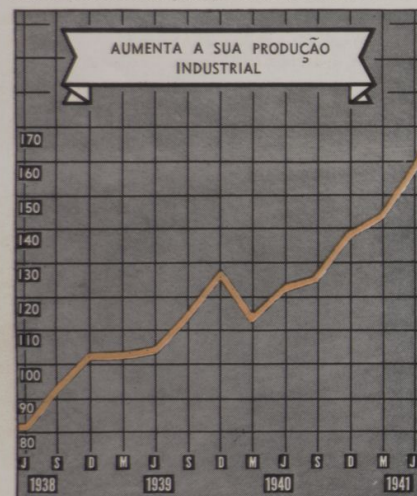
Em marcha para uma das mais queridas de todas as solenidades da Escola — a da graduação dos guarda-marinhas. Calouros e veteranos partilham do regosijo.



## A EFICIÊNCIA DO OPERÁRIO AMERICANO



Desde a primeira guerra mundial, o operário norte-americano tem dobrado a sua produção efetiva por hora de trabalho.



Nos últimos quatro anos, a produção industrial dos Estados Unidos tem aumentado de mais de cem por cento.

## SEU SALÁRIO É ALTO



Em harmonia com o aumento de sua eficiência e produção, o operário hoje compra quase o dobro do que em 1914.



Os operários da fábrica dos famosos aviões Lockheed, na Califórnia, reúnem-se para ouvir a irradiação grande mensagem de guerra do Presidente Roosevelt.

Em grandiosa reunião no Madison Square Garden de Nova York, as uniões trabalhistas da cidade hipotecam esforço ao governo, para coroar a luta com a vitória.



# A MOBILIZAÇÃO DO TRABALHO

Na presente atividade bélica que sacode a nação em seu formidável esforço para produzir armas e munições em quantidade nunca vista e em rapidez sem precedentes, o operário nos Estados Unidos constitui a alma de seu sistema industrial.

Sobre milhões de homens e mulheres que laboram dia e noite acionando esse gigantesco arsenal de guerra, pesa a responsabilidade de garantir a complexa e decisiva produção do elemento essencial para a vitória.

Nenhum grupo mais que o trabalhista reconhece nos Estados Unidos o que seria o efeito da dominação nazista sobre o mundo. E nenhum mostra-se mais determinado a fazer tudo para exterminar essa ameaça.

Acima das questões de estratégia militar, revela-se nesta guerra o fato de depender a mesma da produção de material bélico em avalanches. Há séculos que as guerras vinham sendo encaradas em face destes três elementos — militar, político e financeiro. Hoje há um quarto elemento, de formidável significação — o trabalho industrial.

Dêsde o trágico assalto a Pearl Harbor, que na frente trabalhista americana estabeleceu-se um único ponto de vista — unir para vencer. As suas duas grandes organizações, a Federação Americana do Trabalho e o Congresso de Organizações Industriais, constituídas por mais de dez milhões de operários sindicatizados, hipotecaram imediatamente sua solidariedade e apoio incondicional ao Presidente Roosevelt.

Renunciaram o seu direito de greve durante a guerra, adaptaram-se às prementes condições impostas pela urgência de produção e solidificaram a seu propósito de manter contínua a fonte industrial da guerra.

Nem país em que as indústrias de paz haviam atingido o máximo de perfeição e produção, atestado em seu consumo o incomparável padrão de vida de seu povo, o brusco desenvolvimento das indústrias de guerra, absorvendo praticamente todas as atividades, viria necessariamente causar sérios inconvenientes.

Fábricas numerosas, que até então dedicavam-se à manufatura de artigos de uso doméstico, viram-se forçadas a dispensar operários em massa. E que as prioridades concedidas às indústrias bélicas, iam absorvendo em quantidade crescente muitos dos materiais até então em uso normal nas indústrias civis.

Esse desemprego, entretanto, revelava apenas a necessidade de operários habilitados para as novas funções exigidas pela indústria de armamentos e munições. E até que o deslocamento se fizesse de umas para outras indústrias, de acordo com as necessidades da produção, o elemento trabalhista teve de adaptar-se a novas condições e fazer sacrifícios.

Por sua vez, na frente industrial, não foi fácil a adaptação. A conversão de máquinas, a adoção de novos métodos e, sobretudo, o adestramento de seu pessoal em diferente técnica de trabalho, criava novos problemas para todos.

Mas os obstáculos foram vencidos pela determinação que animava o espírito industrial americano, famoso por saber enfrentar qualquer desafio à sua prodigiosa iniciativa.

E agora, a adaptação da indústria mescla-se com a capacidade do operário para produzir sob as novas condições e, principalmente, sob o ritmo acelerado que a guerra impõe.

Detroit, o incomparável centro de produção de automóveis, de onde costumava sair mais de meio milhão de veículos dos mais modernos, mensalmente, marcou no último dia de Janeiro, a sua completa transição para a produção de guerra. Passa agora, essa indústria, que assombrou o mundo com a sua inigualável eficiência, baixo custo e volume de produ-

ção de seus automóveis, com toda a sua maquinária, mão de obra e habilidade científica e executiva, para a manufatura exclusiva de armamentos.

A conversão da indústria para fins bélicos, já havia tido início há algum tempo, mas só agora completou-se a operação. Com a suspensão de todos os trabalhos de produção de carros de passageiros e caminhões leves, para uso civil, militar ou para exportação, e com a proibição da venda dos mesmos, cria-se um "stock", do qual se suprirão, em primeiro lugar, as necessidades militares. A seguir, virão outros casos, de natureza civil, mas sujeitos a estrito racionamento, cuja execução começará em fins de Fevereiro.

Detroit apresenta atualmente um aspecto de completo adonamento às numerosas fábricas até então existentes. Algumas delas, de dimensões enormes, ocupam hoje áreas que há apenas meses, eram simples campos. E delas começa a sair em quantidade que irá crescendo dia a dia, uma variedade incontável de ferromentais para suprir outras fábricas. Além disso, de Detroit ainda, sairão aos milhares, não apenas armas de guerra propriamente, mas aviões de vários tipos, motores, acessórios e o que é mais interessante — pilotos e mecânicos, em grande número, para reforçar os centros de pessoal aéreo militar que tomará parte na gigantesca ofensiva em futuro próximo.

Tudo o aparelhamento que em Detroit acaba de entrar em movimento sincronizado para a produção de guerra, constitui apenas parte do parque industrial, espalhado por várias regiões do país.

Quando se considera a necessidade de apressar toda essa produção numa base de 24 horas diárias, todos dias da semana, tem-se então uma idéia da valiosa contribuição do operário americano.

A mobilização do trabalho industrial nos Estados Unidos, pela complexidade e vastidão de seus elementos, constitui, naturalmente, tarefa que exige tempo, sobretudo num país que sempre procurou viver em paz e para a paz.

Mas, quando o ritmo de sua produtividade começar a atingir o máximo da sua capacidade, tudo quanto se tem feito na Alemanha e Japão, mesmo com a escravização da mão de obra, ficará muito aquém, em medida de comparação.

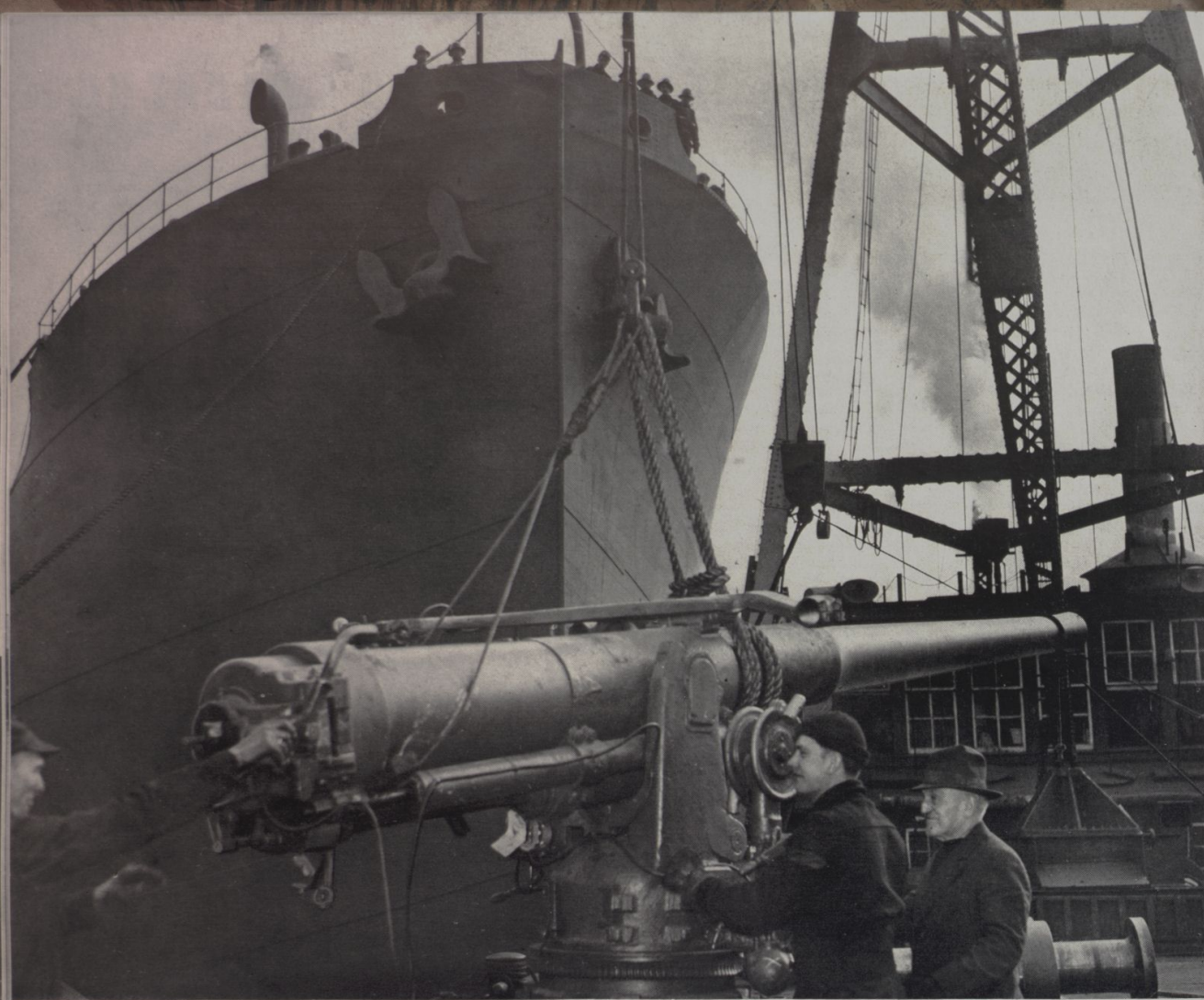
O esforço do trabalho americano, além das facilidades técnicas de que dispõe, tem para animá-lo a consciência de um operário que não é apenas simples fator na produção; ele é parte integrante dos valores econômicos da nação, é um homem livre e agora, mais que ninguém, sabe compreender a necessidade de trabalhar para a sua própria vitória.

Cerca de cinco milhões de operários de ambos os sexos encontravam-se na produção de guerra em fins de 1941. Mais de milhão e meio já se achavam a esse tempo em adiantado estado de adestramento, através dos cursos especiais que o governo sabiamente, de há muito havia estabelecido. Essa habilitação de operários prossegue agora intensamente, abrangendo considerável número de especialistas.

A atitude do trabalhador americano em face da presente situação, resume-se eloquentemente no telegrama enviado pelo conselho executivo da União dos Operários da Indústria de Automóveis, do CIO, composta de 600.000 sócios, a Sir Walter Citrine, secretário do Congresso Britânico de Uniões Trabalhistas:

"A lógica inflexível dos acontecimentos reuniu finalmente as nações democráticas do mundo numa causa comum. Devemos agora mantermos-nos unidos e sacrificarmos-nos juntos até a queda da tirania e do totalitarismo. O objetivo tem de ser alcançado a todo custo. Ficai certo de que os trabalhadores norte-americanos manter-se-ão firmes com os trabalhadores da Grã-Bretanha e suas aliadas, em sua determinação de prosseguir, até que todas as potências do Eixo sejam completamente derrotadas."





Respeitável peça de artilharia, em vias de ser montada num cargueiro americano—resposta mais lógica aos temíveis imprevistos da guerra submarina.

## MERCANTES, MAS ARMADOS

Os navios mercantes norte-americanos, da frota que dia a dia cresce em proporções enormes, não mais continuarão indefesos contra o ataque de submarinos, navios corsários, ou aviões. A necessidade de artilhar navios mercantes, imposta pelos ataques anteriores à declaração de guerra, já havia dado início a medidas defensivas muito antes de romperem as hostilidades no Pacífico. A Marinha de guerra está agora dotando os navios cargueiros com canhões de 105 e 127mm, que se prestam também para ação anti-aérea, além de baterias de peças anti-aéreas propriamente, de tiro rápido e curto alcance. Espera-se que em princípios de Fevereiro esteja terminado o armamento da frota mercante.

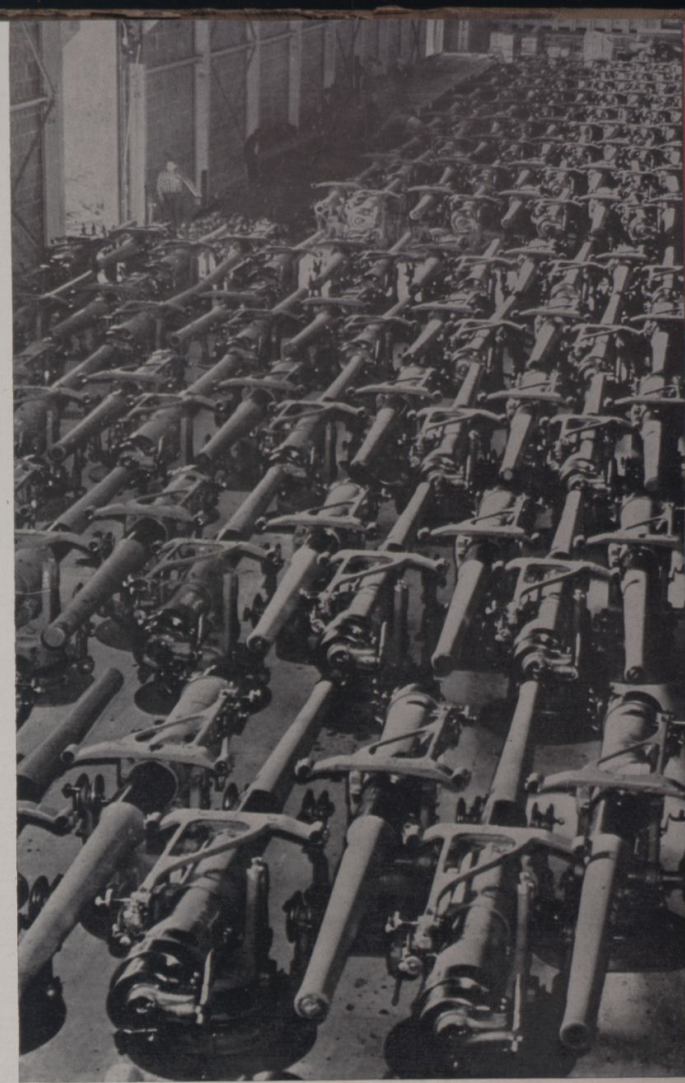
Com a mesma rapidez com que são lançados ao mar as novas unidades mercantes, passam a ser convenientemente armadas. Os velozes cargueiros modernos, assim defendidos, enfrentam uma probabilidade de vitória de 50 por cento contra o ataque de navios corsários. Tornam-se capazes de forçar os aviões inimigos a só fazerem o ataque a grandes altitudes, fato que torna o resultado relativamente ineficaz. Como os canhões montados a bordo dos navios mercantes são de maior calibre e precisão do que o único canhão usado geralmente pelos submarinos à superfície, estes terão de permanecer submersos para fazer o lançamento de torpedos contra a sua presa, circunstância que aumenta consideravelmente a margem de desvio.

O início das hostilidades no Pacífico veio impôr mais um encargo de vital importância para a marinha mercante dos Estados Unidos. Sem uma frota mercante suficiente, em condições de manter livres as vias de abastecimento no Atlântico, e as longas rotas do Pacífico, as Nações Unidas ver-se-iam na perspectiva de uma guerra defensiva custosa e prolongada. Mas, dispondo de navios para o transporte de tropas, aviões, tanques, canhões e demais material bélico por vias marítimas de até 16.000 milhas de extensão, o enorme poder ofensivo dos aliados poderá levar facilmente a luta onde quer que esteja o inimigo.

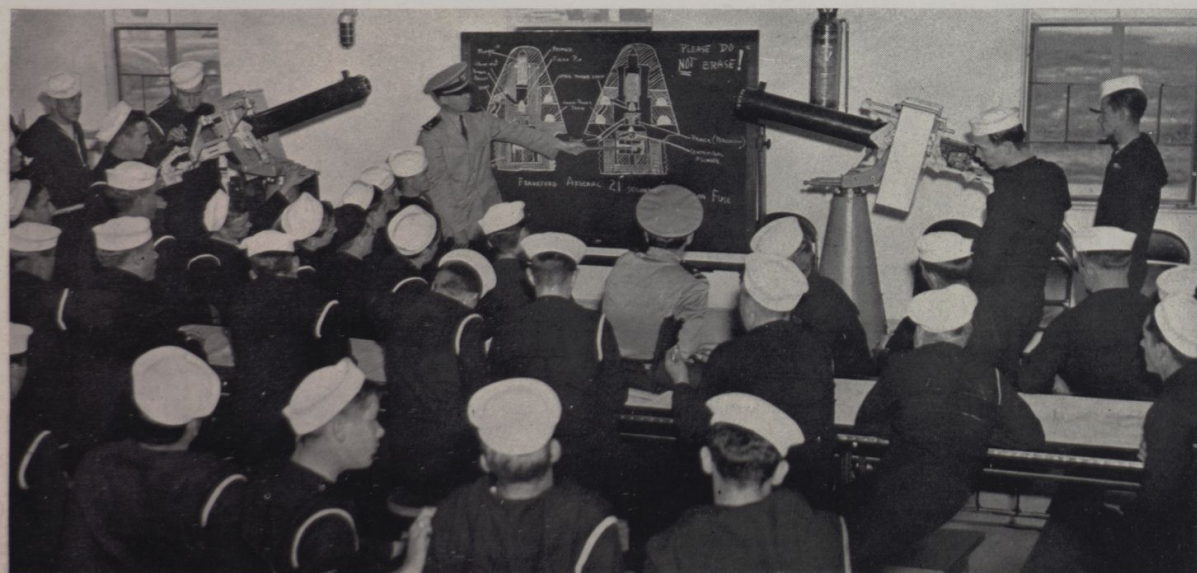
Graças ao notável programa iniciado em 1937, dos estaleiros norte-americanos estão a sair navios em quantidade proporcional às necessidades de guerra. Em verdade, os Estados Unidos presentemente acham-se na mais situação mais vantajosa de sua história, em relação a transportes marítimos.

O programa de 13.500.000 toneladas, que já se achava em surpreendente acabamento, em comparação com o esforço feito durante a última guerra, para quantidade mais ou menos idêntica, está agora aumentado para 18.000.000 toneladas. Segundo a mensagem que o Presidente Roosevelt dirigiu ao Congresso, esse total deverá ser entregue durante 1942 e 1943.

A 1 de Dezembro do ano passado, o lançamento de um navio por dia tornou-se realidade. E para o primeiro trimestre deste ano, o programa estabelecido pela Comissão de Marinha Mercante compreende o assentamento de quilha de 148 navios, lançamento ao mar de 125, e entrega de 71 terminados.



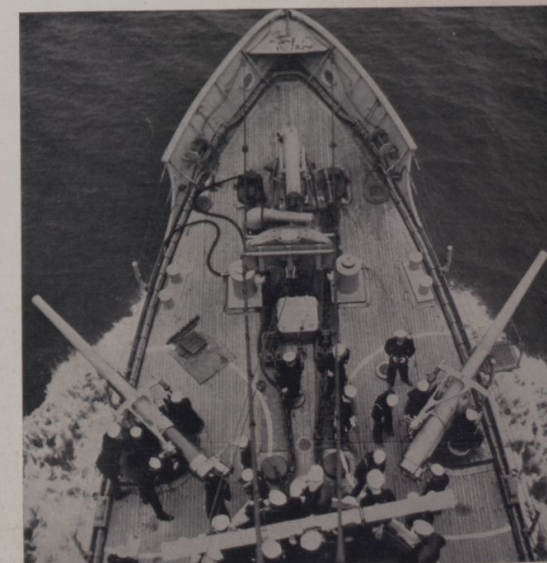
Prontos para artilhar os navios mercantes dos Estados Unidos.



Ativa-se a instrução de artilheiros para guarnecerem os canhões que armam os navios mercantes. O oficial instrutor esclarece detalhes, na pedra, do projétil de armas anti-aéreas, que farão parte essencial da defesa, forçando os aviões de bombardeio inimigos a só fazerem o ataque a grandes altitudes, fato que geralmente torna ineficazes os seus efeitos.



Cursos de artilharia de urgência — em que eficazes peças de 105mm. servem para o ataque a alvos flutuantes representando submarinos inimigos em várias condições de tempo e mar.



A bordo de um cargueiro da Liberdade, seus artilheiros adestram-se com peças de 105mm., enfrentando problemas que mais se aproximam com a realidade.



Notícias
Mundiais

em Português



TRANSMITIDAS
POR ONDAS CURTAS
DOS ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA
por Antenas Dirigidas

(Estes programas estão sujeitos a mudanças devido à situação internacional)

Table with 10 columns: Hora do Rio de Janeiro, Dias de Semana em que Cada Emissão de notícias é Feita em Português, Mega-ciclos, Metros, Estação, and repeated for a second set of data.

Cópias desses horários poderão ser enviados, regular e gratuitamente, a todos aqueles que o desejarem para si ou para outros ouvintes, bastando o envio dos respectivos nomes ao Coordinator of Inter-American Affairs, Commerce Building, Washington, D. C.

As fotografias reproduzidas neste número foram cedidas pela: Bob Leavitt-Pix (capa), Acme, Associação Americana-Brasileira, Rudy Arnold, Associated Press, Escritório Comercial do Governo do Brasil, Cushing, Drennan, European, Ewing-Galloway, Fairchild Aerial Surveys, Groenhoff, Harris Ewing, Ignacio Hochhausler (Fotógrafo Vienes, do Chile), International, O.E.M., Official U. S. Navy, P.M., Popular Aviation, U. S. Army Signal Corps, Pix, Inc., Wide World.

Correção: Por equívoco, houve uma transposição de dizeres sob fotografuras a páginas 32 e 33 de nosso número anterior, resultando a identificação em lugar errado dos seguintes oficiais: major Tomas Gatica e tenente Ricardo Lopez, do Chile; tenente Henry D. Fuller, do Perú; tenente Ralph H. Saltman, Jr., dos Estados Unidos; tenentes Fernando B. Blanco, Alberto L. Garcia e Erling Olsen-Boje, do Uruguai.



"Forças armadas americanas ajudarão a defender este Hemisfério, e, outrossim, outras bases fora deste Hemisfério, que poderiam ser utilizadas para se desfecharem ataques contra as Américas."—Presidente Roosevelt.

